

Viagem aos bairros Golfe

Quem circula nos táxis informais já ouviu falar de várias rotas. Mas há quem desconheça o percurso Vala-Caminheiro. É no interior dos Golfes 1 e 2.



p.18-19

Mercado do Catinton responde à demanda

O mercado do Catinton é um dos mais procurados de Luanda. Localizado no distrito urbano da Maianga, no bairro da Terra Vermelha, o espaço oferece produtos quer para o consumo doméstico, quer para a revenda.

p.16-17



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA

25 de Dezembro de 2017 • Ano 0 • Número 14 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

DOENÇA

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Um homem tolhido pela Esclerose Lateral Amiotrófica

Um paciente sofre, há já um ano, com a Esclerose Lateral Amiotrófica. A doença, pouco conhecida entre nós, não tem cura e só encontra tratamento adequado no exterior do país. Bernardo Ventura, a vítima, aguarda as voltas que a burocracia dá, para então ter a oportunidade de ver minorados os efeitos da enfermidade. Enquanto isso, o seu dia-a-dia é penoso.

p. 8-10



FRANCISCO BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

CARÊNCIAS As condições actuais da unidade sanitária são pouco dignas

HOSPITAL SANATÓRIO

MELHORES DIAS PARA PACIENTES

O quadro geral de insuficiências que se regista no Hospital Sanatório de Luanda já não dura muito tempo. A unidade vai entrar em obras de reabilitada e ampliada já no início do próximo ano. Vinte meses depois, nascerá, de certeza, outra casa de saúde, mais digna.

p. 4

RECUPERAÇÃO

MISFRON PRESTA AJUDA A CARENTES

Uma instituição missionária acolhe e reabilita pessoas sem-abrigo e com problemas de drogas. É a Misfron, Missões Missionárias Sem Fronteiras, que também apoia crianças desamparadas, órfãs e comunidades carentes. Localizada no Zango, a casa já ajudou jovens e adultos a resgatar a dignidade.

p. 22-23

DESGOVERNO

EX-TOURADA VIROU ESPAÇO PARA NEGÓCIOS

O desgoverno a que está votada a ex-Tourada a ninguém mais passa despercebido. Situada no bairro Calemba (Maianga), a infra-estrutura é hoje albergue de casas de comércio, sobretudo de comes e bebes, e de negociantes de toda a sorte.

p. 12-13

CAPITAL

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Luzes na cidade

Luanda, a capital de Angola, está engalanada para as Festas. Luzes mostram-se em algumas áreas da cidade, num encantador pisca-pisca. Os Largos do 1º de Maio e da Samba; a avenida Marien Ngoabi, a Marginal e outras ruas e alguns largos encheram-se de alegria, com o Natal e o Ano Novo.

p. 3

LUANDA

SEIS A NOVE HOMICÍDIOS POR CEM MIL

Os índices da criminalidade em Luanda estão entre 6 e 9 homicídios por cada cem mil habitantes. Segundo Mateus Rodrigues, porta-voz do Comando de Luanda da Polícia, estes números ficam muito longe dos registados nas cidades tidas como as mais violentas do mundo. Nestas, o registo é de 107 homicídios, em cada cem mil habitantes.

p. 30-31

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

A MINHA
PRENDA
DE NATAL

Nas vésperas da quadra festiva, Natal e Ano Novo, é habitual recebermos de amigos, parentes e até desconhecidos uma prenda, à semelhança do que receberam José e Maria, dos Magos, quando do nascimento de Jesus Cristo, na Galileia.

A data que ao longo dos anos celebra o nascimento de Cristo torna-se cada vez mais especial para as famílias. Natal é sinónimo de festa e alegria. As famílias juntam-se nesta data, para matar saudades, de forma muito especial. Outras aproveitam para a tradicional troca de presentes (amigo oculto). Nunca sabemos o que iremos receber, mas esperamos sempre, independentemente do que for, desde que venha com amor.

Este ano, quiçá em véspera do Natal, a minha maior prenda foi o reencontro com uma pessoa especial: Adérito Cortez, um dos fotógrafos do Jornal de Angola que mais me fez rir, enquanto repórter do "Falou e Disse", rubrica que vingou nas páginas do diário.

O tempo passou, mas Adérito Cortez continua o mesmo. Alegre e sempre com muitas dicas. Com um falar fino e apertuguesado, Adérito não se esqueceu de mim, da Manuela Gomes, repórter que começou comigo, e do senhor Vicente Cabixica, à altura o nosso secretário de redacção.

Ainda não era Natal, mas na intensidade de alegria que carregávamos, parecia que já festejávamos o nascimento de Jesus, o Nazareno. Foi um dia lindo, que, acredito, todos gostaríamos de ter.

A nossa festa foi bonita. Sem querer, acabamos por juntar as nossas famílias, como o Natal recomenda.

*Natal é sinónimo
de festa e alegria.
As famílias juntam-se
para matar saudades*

Luandando



**ROSALINA
MATETA**
Sub-Editora

QUERO FÉRIAS JÁ; DESEJO
2018 DESCOMPLICADO

Se o mundo girasse à volta de mim, se o pulsar da vida dos meus semelhantes dependesse de mim, neste exacto momento, diria pára tudo! Estou esgotada! Não me apetece fazer absolutamente nada! Nem mesmo escrever este texto de 2.800 caracteres, detalhe de que o Irineu, o nosso designer gráfico, faz questão de me recordar. Fisicamente falando, nesta altura do ano, "Luandar" nesta coluna, editar e reportar neste Jornal já é um exercício difícil de fazer. De tal modo que, nos últimos dias, executo-o por obrigação, o prazer de o fazer é diminuto, o gozo se esvanece. Apenas faço-o por zelo e dever profissional. Mas, assim, é complicado! Bem dizem os moradores de Luanda. Para descomplicar, quero férias. Preciso de descansar, passear, viajar, ler o que me apetece, ver televisão, ir ao cinema, gargalhar com os amigos, parodiar com a minha família, comer lambulas no nosso quintal ou simplesmente ficar deitada na cama a olhar para o tecto.

Que inveja de Julia Roberts, no filme "Comer, Rezar e Amar", no papel daquela jornalista que mandou tudo às urtigas e resolveu andar pelo mundo. Uma história que garantiu um best-seller a Elizabeth Gilbert. Quem me dera ficar, pelo menos, um mês a viajar por vários lugares, sem qualquer compromisso.

Honestamente, quero estar livre da ditadura do tempo, dos "deadlines" ou do "policimento" de alguém, que eu bem conheço e os meus colegas também, por causa de textos por editar, por enviar ou inexistentes. Aproveitando-me deste espaço, desabafo, em resposta àquela provocação "superior" feita há poucos dias na Redacção. Sim, já não tenho mesmo vergonha de ficar sem assinar qualquer reportagem. Estou cansada! Quero as minhas merecidas férias. Mas completas. Os sete dias tiveram o sabor de dispensa.

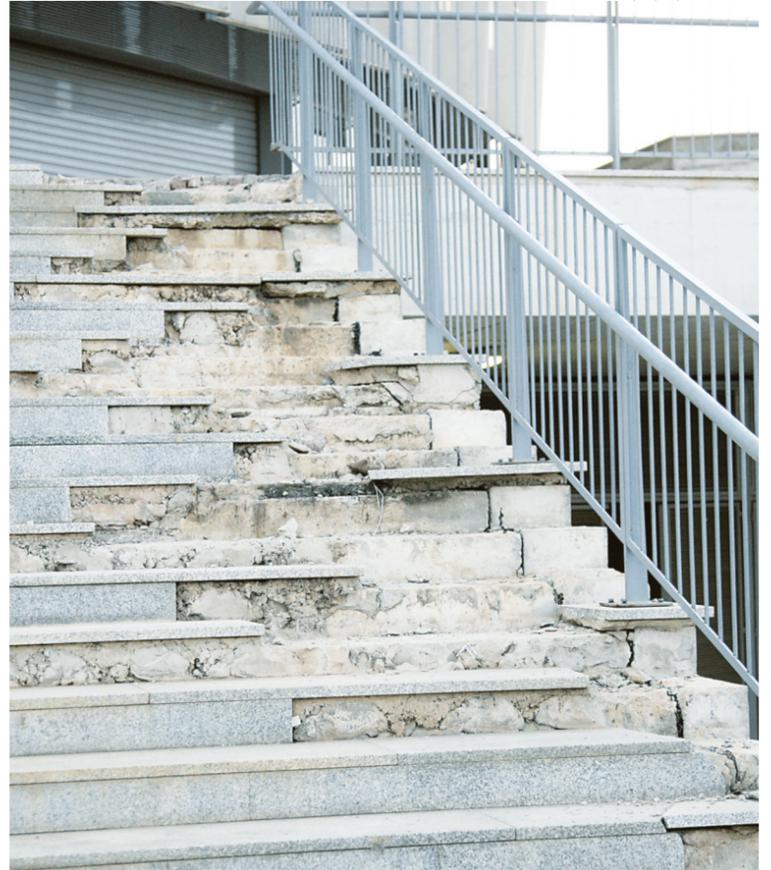
A sério, depois de um ano a cumprir regras laborais, políticas, sociais, administrativas, financeiras, familiares e até internacionais, por conta da tal crise económica que nos levou as divisas, e etc, estou mesmo perto de atingir o zero de exaustão. Venho, por esta via, rogar pela minha licença disciplinar, referente ao ano corrente e preste a findar. Se calhar, o parágrafo anterior vai ajudar a convencer quem decide, dado o rigor imposto na escrita. É complicado!

O pedido que faço não é para complicar nada, tampouco é para que outros aproveitem a "magoela" e também pedirem férias. Façam-no apenas no próximo ano. Por favor, quero um fim de ano tranquilo. Para 2018, desejo apenas que seja descomplicado.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Pavilhão do Kilamba
DEGRAUS DA VERGONHA

Estes degraus que, a objectiva do fotógrafo Vigas da Purificação captou, e que nos dão a ideia de um monumento da Idade Média, em ruínas, são do Pavilhão Multi-uso de Luanda, anexo à Cidade do Kilamba. A obra construída em 2013 e inaugurada, no dia 17 de Setembro, pelo então presidente da República de Angola, José Eduardo dos Santos, cujo descer da placa foi feito com pompa e circunstância, seguida de discursos optimistas e visionários. Tudo em nome de uma melhor e digna infraestrutura para acolher, naquele mesmo ano, o 41º Campeonato Mundial em Hóquei em Patins.

O denominado Pavilhão Multiuso, construído numa área de 1.630 metros quadrados e desenhado para 12.720 espectadores, tem capacidade para o estacionamento de 873 viaturas. Uma arena. Quatro anos depois, os degraus das escadas que dão acesso ao recinto de jogos apresentam-se corroidos. O facto deixou-nos surpreendidos e inquietos, porquanto não podemos compreender o desperdício de milhares de dólares saídos do erário público e que, certamente, custaram a todos os angolanos. Pela imagem degradante das escadas, podemos questionar o estado de todo edifício. A quem cabe a responsabilidade de velar pela manutenção do Pavilhão que nos responda.

A palavra ao leitor



na mesma factura que a energia. Mas é um absurdo os municípios pagarem o que não consomem. Lixo, sim, aceitamos pagar, porque produzimos em grande quantidade, diariamente. Já a energia é uma mentira. Porque nos é dada dia sim, dia não.

Gaspar Domingos
Belas

Falta de energia

Não sei se os excessivos cortes de energia só acontecem no bairro do Benfica. Numa época em que os moradores mais precisam da energia para conservar os seus coisas, mais os cortes se multiplicam. Se os frescos que tenho em casa se estragarem, gostaria de saber quem vai pagar. Não há no país a cultura da indemnização.

Graciana Rocha
Benfica Chinguari

Cobrança do lixo

É louvável a iniciativa do Governo de Luanda, de começar a cobrar o lixo

Peões teimosos

Nas semana passada, quase atropeli uma jovem grávida. Ela, se calhar por preguiça, deixou de andar alguns metros, para chegar até à passadeira. Preferiu atravessar em lugar impróprio, no meio dos separadores, entre os pontos de iluminação pública. Pensei eu, depois do susto, que, em pouco tempo, estaria preso à toa, sem culpa, pela negligência de uma preguiçosa. Por favor, usem as passadeiras e as pontes pedonais.

Pedro Albino
Benfica

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Secretária de redacção: Maria da Gama

Jornalistas: António Pimenta, Arcângela Rodrigues, Domiana N'jila, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango, Neusa de Menezes e Solange da Silva

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira & Adilson Félix

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 Fax: 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 MAIL: antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



Presidente do Conselho de
Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos:
Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Carlos Alberto
da Costa Faro Molares D'Abril,
Mateus Francisco João dos
Santos Júnior

Administradores não Executivos:
Olimpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira
Dias da Cunha



**1º DE MAIO
LARGO MAIS LINDO**

As luzes espalhados pelo Largo da Independência parecem contribuir para a alegria de jovens, crianças e adultos que andam pelo recinto. De facto, está lindo o espaço que eterniza a figura do Primeiro Presidente de Angola, António Agostinho Neto.



**A MAIOR
ÁRVORE GIGANTE
NA MARGINAL**

A maior árvore de Natal da província, senão mesmo do país, encontramos na Baía de Luanda. A mesma junta mais de 75 toneladas de ferros, 75.000 lâmpadas, com 22 metros de altura, ocupando um perímetro de quase 200m2.

FESTAS

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Cristina da Silva

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O presépio gigante que representa o local onde nasceu Jesus Cristo, acompanhado da sua mãe, Maria, e do seu pai, José, bem como os três magos, Baltazar, Belchior e Gaspar, continuam a atrair a atenção dos populares que visitam o Largo da Independência, nestes dias de festa. Mas o espaço não é o único engalanado, na vasta Luanda.

Na avenida Marien Ngouabi, ex-António Barroso, por exemplo, os jogos de luzes estão montados em mais de 60 coqueiros, enfileirados no separador em toda a sua extensão. São coloridos que dão luz e brilho à, com enfeites realçando a chama que representa o espírito natalício. A combinação é suportada por fios com diversas lâmpadas, que piscam repetidamente em sequência ou não.

Estão assim alguns pontos de Luanda, apesar dos poucos jogos de luzes, se comparados ao número que habitualmente se via em edifícios públicos, largos e ruas do centro da cidade. A maior árvore de Natal da província, senão mesmo do país, encontramos na Baía de Luanda. A mesma junta mais de 75 toneladas de ferros, 75.000 lâmpadas, com 22 metros de altura, ocupando um perímetro de quase 200m2. No local, os jovens fazem selfies, representando a alegria e o gosto pelo emblemático enfeite.

O edifício de cor de rosa da Comissão Administrativa de Luanda também está repleta de jogos de luzes, simbolizadas por velas, estrelas e brindes, bem como os dizeres "boas festas". Até ao fecho desta edição, a árvore ecológica de 11 metros de altura, uma das maiores atracção do "Calçadão da Samba", não tinha sido instalada. A mesma costuma ser constituída por garrafas vazias de plástico de água mineral. Agora, foi substituída por uma normal, de aproximadamente oito metros. Ainda assim, a alegria mora junto dos frequentadores do espaço.

As pequenas Arquilune São José e Nary Quaresma, acompanhadas das respectivas mães, aproveitaram a ocasião natalícia para algumas recordações junto do gigante presépio, um dos símbolos mais populares do Natal. Quem desce a Força Aérea Nacional, em direcção ao Rocha Pinto, também encontra várias figuras descritivas do "é Natal".

De volta ao começo... Os jogos de luzes espalhados pelo Largo da Independência parecem contribuir para a alegria de jovens, crianças e adultos que andam pelo recinto. A garrafa gigante, construída de cantoneiras e tubos, coberta de luzes no formato de cortina, faz "graça" ao largo que eterniza a figura do Primeiro Presidente de Angola, António Agostinho Neto.

Luanda vive o Natal de forma tímida, mas com jogos de luzes resistem. São as luzes da cidade.



As luzes da cidade

Os jogos de luzes espalhados pelo Largo da Independência parecem contribuir para a alegria de jovens, crianças e adultos que andam pelo recinto



PERSPECTIVA UM NOVO HOSPITAL

Assim ficará o Hospital Sanatório, depois de reabilitação. Actualmente, a unidade tem 25 médicos, dos quais 18 angolanos e sete cubanos, 215 enfermeiros e 298 funcionários de apoio. Para satisfazer à procura, há necessidade de mais 87 médicos.



LÚCIA MANUEL FÁTIMA SÓ FALA NO TRATAMENTO

"Temos muita esperança neste senhor. Que Deus providencie tudo. A Fátima anda triste, só se anima quando se fala na possibilidade dela viajar para tratamento", confidenciou-nos Lúcia Manuel", afirma a tia de Fátima.

HOSPITAL SANATÓRIO

FRANCISCO BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



VISITA Presidente João Lourenço tomou contacto com a realidade que se vive no Hospital Sanatório de Luanda

Pacientes aguardam por um atendimento digno

Com a reabilitação e ampliação do Hospital Sanatório de Luanda, os pacientes esperam vir a ser melhor atendidos e tratados com dignidade.

Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O Hospital Sanatório de Luanda, localizado no município do Kilamba Kiaxi, cai aos pedaços e clama por melhorias há muito anos. Actualmente, tem 293 pacientes internados e assiste a dois mil em regime ambulatorio. A unidade regista 15 mortes por semana.

Por falta de condições de acomodação, alguns pacientes ficam deitados em colchões estendidos no chão. As más condições de higiene facilitam a transmissão de outras doenças a pacientes e/ou seus acompanhantes.

A carência de água e a inoperância do sistema de esgoto impedem os doentes de utilizar as casas de banho, situação que obriga a que, às vezes, se faça as necessidades fisiológicas e

se deem os excrementos nos arredores do edifício hospitalar. Os doentes com a condição física debilitada e que não podem andar utilizam sacos plásticos e latas.

O edifício tem inúmeras infiltrações, que afectam gravemente o tecto do banco de urgência. Este corre o risco de desabar. O sistema de esgoto está ineficiente e o fornecimento de energia eléctrica é deficiente, assim como o abastecimento de água potável, o que obriga à compra diária em camiões cisternas.

Dia 15 último, o Presidente da República, João Lourenço, constatou os graves problemas que a unidade enfrenta. O Chefe de Estado visitou diferentes áreas da unidade hospitalar, tendo, depois, anunciado obras para reabilitação e ampliação.

As obras de reabilitação do hospital Sanatório de Luanda vão durar 20

meses e, numa primeira fase, vai ser construída uma nova estrutura para que os pacientes saiam do edifício antigo, que será, posteriormente, recuperado. Pretende-se, igualmente, apostar na formação dos profissionais.

Actualmente, o hospital tem 25 médicos, dos quais 18 angolanos e sete cubanos, 215 enfermeiros e 298 funcionários de apoio. Para satisfazer à procura, há necessidade de mais 87 médicos.

O Hospital Sanatório de Luanda tem 250 camas e medicamentos suficientes para atender os pacientes internados.

"Quando o hospital não tem determinado medicamento, luvas ou máscaras são os pacientes que vão às farmácias comprar", disse a enfermeira responsável de uma área onde estão internados 47 pacientes, 24 deles do sexo feminino e 23 do masculino.

SOLIDARIEDADE

Menina Fátima ainda à espera de apoio

A família de Fátima Manuel continua a envidar esforço para que a menina, que sofreu amputação dos membros superiores, viaje para o estrangeiro em busca de uma solução clínica. A vítima foi atropelada no passado dia 23 de Setembro. Os seus braços não resistiram à pancada de uma carrinha conduzida por um jovem imprudente.

O Luanda, Jornal Metropolitano, soube de Lúcia Manuel, tia da sinistrada, que, até 14 de Dezembro, três cidadãos anónimos tinham depositado, no Banco de Fomento e Crédito, o valor total de 320 mil Kwanzas, na conta número 17659938030001, de Lurdes Francisco Manuel, a mãe da menina.

Um outro gesto de solidariedade foi manifestado por um cidadão português, residente em Angola, que se disponibilizou em participar nas despesas hospitalares em Portugal, caso a família da menina opte fazer a reabilitação naquele país. Para tal, o mesmo benfeitor já está a fazer contactos no local.

"Temos muita esperança neste senhor. Que Deus providencie tudo. A Fátima anda triste, só se anima

quando se fala na possibilidade dela viajar para tratamento", confidenciou-nos Lúcia Manuel.

A tia de Fátima, que, desde o primeiro momento da tragédia, desdobra-se em contactos, para que a adolescente de 14 anos venha a ter uma prótese que lhe assegure os movimentos dos braços, não se queixa da ajuda que chega a conta-gota. Pelo contrário, agradece aos poucos que já apoiaram. Porém, nota que a empresa Mundial Seguros ainda não depositou os 600 mil Kwanzas, da apólice do seguro automóvel do infractor, nem disponibilizou uma ajuda que prometeu.

Carecendo o estado de Fátima de uma rápida resposta, o Luanda, Jornal Metropolitano, aproveitando a época Natalina, pede, uma vez mais, a todos os moradores da capital e do país solidariedade para com a desgraça da menina, que, num ápice, ficou sem as mãos e os braços. Logo, impossibilitada de cuidar da sua higiene, de levar um copo de água à boca e de escrever. Sem ir à escola, Fátima Manuel tem os sonhos ensombrados. Haja solidariedade pelas mãos de Fátima.

MIQUÉIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



SAÚDE Solução para o caso passa pelo estrangeiro



**FONTES CAXINDE
MORADORES PEDEM
COLOCAÇÃO DO ASFALTO**

Morador da Zona, Fontes Caxinde disse que seria bom que as ruas que dão acesso ao Calemba II e ao interior de outros bairros também fossem asfaltadas. Ele também pede celeridade na conclusão do trabalho.



**CONCLUSÃO
FALTAM DETALHES**

Assim como os "nós" do Kilamba, Zango e Unidade Operativa, inauguradas em Agosto passado, as obras da estrada do Camama também não estão concluídas. Faltam acabamentos, numa obra que só termina entre Janeiro e Fevereiro.

CAMAMA

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



**Estrada aberta,
livre trânsito**

O viaduto do Camama melhorou a integração dos eixos viários estruturantes e a ligação entre bairros de Luanda

Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A circulação rodoviária na estrada do Camama melhorou consideravelmente, nos últimos dias, depois da inauguração do viaduto, construído essencialmente para fazer fluir o trânsito no cruzamento. Na antiga rotunda da Camama, local onde foi erguido o viaduto, havia um ponto de conflito de tráfego.

Com o viaduto operacional, associado ao bom estado da via, a iluminação pública e as valas para drenar as águas das chuvas, acabaram-se, entre outros constrangimentos, o problema dos buracos na via, lamaçal e os das viaturas que ficavam várias horas no engarrafamento.

O viaduto do Camama melhorou a integração dos eixos viários estruturantes e a ligação entre a Via-Expresso, a Avenida Pedro de Castro Van-Duném "Loy" e a zona de Talatona. Aquele área do município de Belas melhorou a imagem e ficou bastante valorizada. A iluminação pública, com a colocação de postes eléctricos, em grande parte da estrada, veio garantir alguma se-

gurança aos moradores e aos automobilistas, no período da noite.

REACÇÕES POSITIVAS

Os moradores dos bairros adjacentes ao viaduto do Camama já sentem o efeito das mudanças. O coordenador da comissão de moradores do bairro Alegre, Fontes Caxinde, disse que, finalmente, os constrangimentos causados pelas obras terminaram.

Fontes Caxinde disse que seria bom que as ruas que dão acesso ao Calemba II e ao interior de outros bairros também fossem asfaltadas. O morador lembrou que, quando as obras começaram na estrada do Camama, a Comissão de Moradores do bairro endereçou uma carta à Administração Municipal de Belas, solicitando que, pelo menos, a rua da comissão fosse também asfaltada.

"Mas não tivemos sucesso. Hoje, rogamos para que todas as ruas dos bairros do Camama sejam asfaltadas e tenham iluminação pública, por causa da criminalidade", expressou.

Nos últimos dias, na estrada do Camama, tudo parece funcional, no que toca ao trânsito. Mas a ausência de passeiras chamou a atenção da nossa reportagem. Há pontos da estrada em

EXTENSÃO DE 10

A construção do viaduto do Camama durou cerca de sete meses. Começou em Maio, com fundações e estacas, e terminou em finais de Novembro. O director do projecto, Fernando George, explicou que se trata de uma obra urbana, feita numa extensão de cerca de 10 quilómetros. Acrescentou que foi construído todo o sistema de drenagem pluvial, em toda extensão da estrada, nos dois lados, que drenam as águas para as valas de macro-drenagem.

"Também tem aquilo que chamamos de negativos, num dos passeios do lado esquerdo, que são os tubos que se deixa por prevenção para, no futuro, quando for preciso instalar algum equipamento nas redes técnicas de energia e outras, não se tenha a necessidade de partir o pas-

seio para fazer o trabalho", explicou Fernando George.

Para a obra, houve ainda a necessidade de expropriar alguns terrenos, onde havia casas e estabelecimentos comerciais. Os moradores que ficaram sem casas foram realojados e negociou-se um montante com os proprietários dos estabelecimentos comerciais. Em algumas zonas de encontros do viaduto ruas foram fechadas. Fernando George explicou que foi necessário, para evitar constrangimentos ou conflitos ao trânsito automóvel.

"Na zona dos encontros do viaduto, como as vias lá atrás são de escoamento para o trânsito local, fechamos as entradas, porque criariam conflitos no trânsito, explicou. A estrada foi reaberta no último dia 15, pelo Presidente da República, João Lourenço.

que as pessoa a atravessam saltando os separadores, correndo o risco de serem atropeladas.

OBRAS POR CONCLUIR

Assim como os "nós" do Kilamba, Zango e Unidade Operativa, inauguradas em Agosto passado, as obras da estrada do Camama também não estão concluídas. Faltam acabamentos nos passeios e lancis, que, segundo o director do projecto, Fernando George, só terminam entre Janeiro e Fevereiro de 2018.

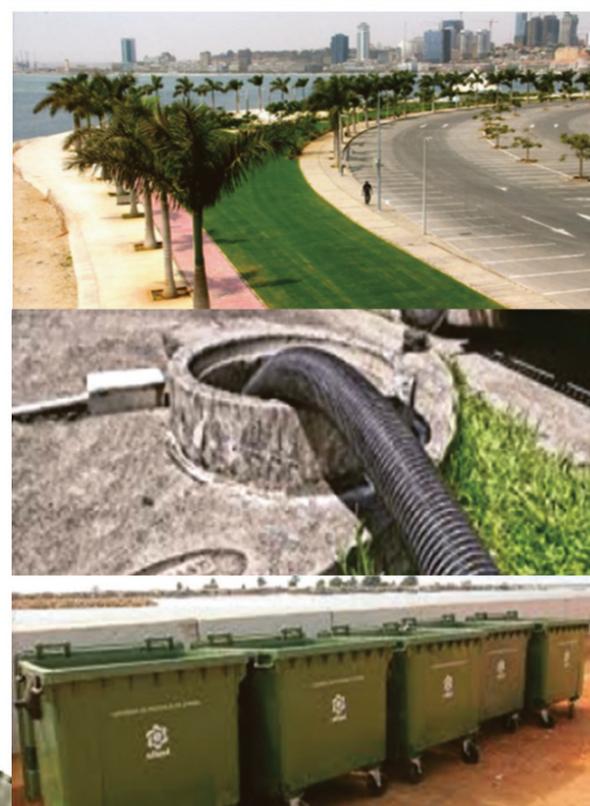
A reportagem do Luanda, Jornal Metropolitano, constatou que o espaço abaixo, no viaduto da Unidade Operativa, que talvez tenha sido concebido para jardim, continua a exibir área vermelha, apesar de cerca por lancis.

No Zango, o viaduto e as vias estão concluídos e o trânsito bastante fluido. Mas ainda é notável a terra batida e montes de areia. Pelo menos, lá, estão homens e máquinas a dar continuidade ao trabalho.

Outros trabalhos de acabamentos estão a ser feitos em volta do viaduto do Kilamba, onde estão por concluir os passeios, lancis e separadores. Também falta iluminação pública.



elisal



- ✔ SERVIÇOS DE DESOBSTRUÇÃO DE SARJETAS
- ✔ ALUGUER DE BALNEÁRIOS E CONTENTORES
- ✔ SERVIÇOS DE SANEAMENTO
- ✔ RECOLHA DIRIGIDA
- ✔ LIMPEZA DIRIGIDA
- ✔ ATERRO SANITÁRIO DOS MULENVOS
- ✔ SERVIÇOS DE JARDINAGEM

**NÃO DEITE
LIXO NAS
SARJETAS**

A Elisal - Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda, tem como objectivo social a prestação de serviço público de limpeza e gestão de resíduos sólidos da província de Luanda, visão de assegurar a saúde pública e a protecção do meio ambiente.

Ambiciona liderar a transformação do paradigma de gestão de resíduos na província de Luanda implementando infra-estrutura de procedimentos de excelência na limpeza, recolha, tratamento, valorização deposição final de resíduos que contribuem para a melhoria significativa dos municípios.



FELIZ NATAL & PRÓSPERO ANO NOVO



ELISAL, PARA UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL

Bairro Vila Flor - Zona 19-S3, Quarteirão 7 (Filda)

Caixa Postal 378 Luanda - Angola

Tel.: 222 00 34 64 - 940 95 16 95

E-mail: atendimento.cliente@elisal.co.ao

www.elisal.co.ao



BERNARDO VENTURA ADAPTAR-SE ÀS MUDANÇAS

"A forma como a doença se tem espalhado pelo meu corpo é assustadora. Estou a perder as forças cada dia que passa. Quando tento segurar algo, cai logo das minhas mãos. Estou adaptar-me às mudanças", afirma o jornalista, num depoimento forte e emocionante



ELISA VENTURA UMA COMPANHEIRA DE LUTA

Desde que começou este calvário, ele tem ao lado aquela que tem sido o seu maior suporte: a esposa, Elisa, com quem casou em 2015, embora já vivessem desde 2008. Sem desprimir para os outros familiares, é ela quem lhe dá forças para continuar a lutar pela vida e alimentar os sonhos que pretende realizar

DOENÇA

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

A esclerose que "atrofia" a vida de Bernardo Ventura

Jornalista e professor padece de doença neurodegenerativa, sem cura, causada pela morte dos neurónios musculares responsáveis pelos movimentos do corpo



CIENTISTA Britânico Stephen Hawking padece de Esclerose Lateral Amiotrófica desde os 21 anos

Domingos dos Santos
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A passos lentos e com uma voz simpática, trémula e cansada, Bernardo Ventura, 39 anos, recebe-nos à porta de sua casa, no bairro Capalanga, município de Viana, em Luanda. Ele padece de Esclerose Lateral Amiotrófica, doença neurodegenerativa, sem cura, causada pela morte dos neurónios musculares responsáveis por todos os movimentos do corpo humano.

"Sejam bem-vindos à nossa casa", dá-nos as boas-vindas, fazendo esforço tremendo para pronunciar as palavras, que exigem de nós, igualmente, um grande esforço para poder percebê-las. Apoiado pela esposa, Elisa, ele empenha-se em dar-nos a mão, em jeito de saudação. Emocionado, por voltar a rever um amigo e colega, Cláudio Renato abraça-o. Mas, neste momento, apercebe-se de quão frágil se tornou o corpo do outro.

O diagnóstico da doença, até então desconhecida, chegou a 23 de Fevereiro do ano em curso, no Hospital de Vila Franca de Xira, Portugal, onde chegou na véspera, à procura de resposta. Antes, levou quase um ano a andar

pelos corredores de hospitais públicos e clínicas privadas de Luanda, que nunca souberam dizer-lhe de que realmente padecia. Todos os exames realizados deram negativo.

"Andei em consultas nos hospitais Josina Machel, Militar, Sanatório, Centro Nacional de Oncologia e me submeti à medicina tradicional chinesa. Fiz vários exames, mas, infelizmente, nenhum diagnosticou a minha doença. Mas consegui viajar para Portugal, no dia 23 de Fevereiro deste ano, e, no dia seguinte, os médicos deram-me a resposta que tanto procurava", explica.

Desde então, Bernardo trava uma luta infernal contra a gradual paralisia. "O que é isso? Esclerose Lateral Amiotrófica? Até aquele momento era uma doença totalmente desconhecida para mim.", conta.

Receber esse diagnóstico foi como uma sentença de morte. A doença evolui de uma forma tão drástica, que a pessoa, paulatinamente, perde a fala, fica impossibilitado de andar, de suportar a cabeça e, depois, uma paralisia total. Com o corpo paralisado, os olhos tornam-se os únicos meios para comunicar com quem está à volta, na medida em que é através deles que o doente tenta expressar o que lhe vai na mente. Feliz-



HOSPITAL MILITAR A INDISPONIBILIDADE DE UMA DIRECÇÃO

O *Jornal Metropolitano de Luanda* procurou obter uma reacção junto do Hospital Militar Principal. O director da unidade hospitalar, brigadeiro Belmiro Rosa, mostrou-se indisponível



STEPHEN HAWKING UM EXEMPLO DE SUPERAÇÃO

Para se ter uma ideia da gravidade da situação, Bernardo padece da mesma doença que Stephen Hawking, 75 anos, famoso cientista britânico que, desde os 21, convive com a enfermidade.

mente, Bernardo Ventura ainda não atingiu esse estágio.

Para se ter uma ideia da gravidade da situação, Bernardo padece da mesma doença que Stephen Hawking, 75 anos, famoso cientista britânico que, desde os 21, convive com a enfermidade. Já perdeu a fala, o movimento dos braços e pernas, assim como o resto da musculatura, que inclui a força para manter a cabeça erguida, de modo que a sua mobilidade é praticamente nula.

Debilitado, mas sempre com um largo sorriso no rosto, Bernardo, que é jornalista e professor do curso de Comunicação Social no Instituto Médio de Economia de Luanda (IMEL), recorda como surgiram os primeiros sintomas.

“Comecei por perder forças no dedo indicador direito. Foi tudo muito rápido. Depois, não conseguia juntar os dedos da mão direita. Algum tempo mais tarde, tive dificuldades para mover o braço e, agora, tenho dificuldades na fala”, relata.

O depoimento é forte e emocionante. Neste momento, a voz de Bernardo Ventura enfraquece. Ele faz uma pausa para recuperar o fôlego e continua: “A forma como a doença se tem espalhado pelo meu corpo é assustadora. Estou a perder as forças cada dia que passa. Quando tento segurar algo, cai logo das minhas mãos. Estou a adaptar-me às mudanças.”, afirma o jornalista.

Neste exacto momento, ele tenta levar um pedaço de maçã à boca, mas esta simplesmente cai. As suas mãos tremem e a voz fica cada vez mais fraca. Neste instante, a emoção volta a tomar conta de Cláudio Renato, um angolano de Cabinda, que, apesar do seu enorme porte físico, mergulha em lágrimas perante o drama da vida real do amigo e colega dos tempos do primeiro curso superior de Comunicação Social, na então Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto.

Cláudio é um tipo muito sensível e com um grande coração. Mas, maior ainda é o coração de Bernardo Ventura. Apesar de ser a vítima, ele consola-o num sinal de que tudo vai passar e, tal como outras doenças, a medicina vai encontrar a cura para a Esclerose Lateral Amiotrófica.

A confiança de Bernardo Ventura também é extensiva aos seus familiares, sentados à mesa colocada na parte coberta do quintal, atentos à conversa. Um pouco afastados, estão os filhos e sobrinhos, que seguem mais um capítulo da telenovela mexicana “O que a Vida me Roubou”. A filha menor (cerca de dois anos), alheia à conversa e ao drama do pai, toma banho numa bacia colocada na parte descoberta do quintal, onde uma figueira, mangueira, laranjeira e outras plantas oferecem um ambiente mais acolhedor ao lar.

“ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE”

Este é um juramento que duas pessoas de sexos opostos fazem ao se casar. E nunca estas palavras tiveram tanto peso na vida de Bernardo Ventura como hoje. Desde que começou este calvário, ele tem ao lado aquela que tem sido o seu maior suporte: a esposa, Elisa, com quem casou em 2015, embora já vivessem desde 2008. Sem desprimor para os outros familiares, é Elisa quem lhe dá forças para continuar a lutar pela vida e alimentar os sonhos que pretende realizar. “Ela me motiva a continuar a viver”, reconhece Bernardo Ventura.

Esta nova postura tem ajudado a encarar a doença de outra forma e aprender a conviver com ela. “Quando estava em Portugal, cheguei a dar palestras sobre a doença”, gaba-se.

Elisa tem fé na possível recuperação do marido, apesar da ciência contrariar as suas esperanças. Ela conta que, em Lisboa, depois de se detectar a doença, Bernardo, que na altura viajou sozinho, por falta de dinheiro para levar um acompanhante, deu início ao tratamento no Instituto Luso-Cubano de Neurologia, com sessões de terapia da fala, terapia ocupacional e fisioterapia para endurecimento dos músculos, uma vez que sem ela o corpo mais rapidamente fica debilitado. Na capital portuguesa, ficou hospedado em casa de uma prima que o ajudava nos afazeres diários.

As sessões de terapia, que lhe permitiram recuperar alguma força nos braços, deviam durar seis meses. O dinheiro que tinha em mão apenas serviu para três. “Cada sessão custava 99 euros. E o que tinha em mão não era suficiente para os seis meses”, relata Elisa.

JUNTA MÉDICA

Devido a escassez de dinheiro, Bernardo Ventura foi obrigado a regressar a Luanda, em busca de uma Junta Médica. Na capital angolana, os familiares escreveram, a 1 de Junho, para o então ministro da Saúde, Luís Gomes Sambo,

solicitando a sua intervenção para a obtenção da junta médica para Portugal ou Cuba. Dias depois, o antigo governante remeteu a solicitação à Junta Nacional de Saúde, para os devidos efeitos. Mas, segundo Elisa, a instituição alegou que, para ter acesso a esse documento, era necessário um relatório médico passado por um neurologista, cá no país, para ser apresentado em Portugal ou em Cuba. A família recorreu ao médico neurologista cubano que o consultou no Hospital Militar, para lhe passar o devido relatório médico. “Este médico cubano foi o único que, na altura em que andávamos de hospital em hospital, suspeitou da existência da doença, mas disse que o seu diagnóstico seria impossível no país, por ser uma patologia desconhecida, e aconselhou a recorrermos ao exterior”, recorda Elisa Ventura.

Contactado, o médico neurologista, segundo a esposa de Bernardo Ventura, disse-lhes que só podia passar o referido relatório se a família apresentasse uma guia médica proveniente da Junta Nacional de Saúde, a solicitar o relatório médico. Dava a impressão de que ninguém queria assumir o seu papel.

Entretanto, um conhecido de Bernardo Ventura conseguiu a tão desejada solicitação de relatório da Junta Nacional de Saúde, que, a 15 de Agosto, emitiu a Guia médica Nº 215 dirigida ao Hospital Militar Principal, onde o doente devia apresentar-se para consulta externa de neurologia.

De regresso ao Hospital Militar, a família ficou a saber que o médico neurologista cubano tinha terminado a missão no nosso país. Ainda assim, os parentes conseguiram falar com o médico, que os encaminhou para outra médica neurologista angolana que, segundo a mulher de Ventura, os destratou completamente. A verdade é que a referida médica, identificada apenas por Aurora, recusou-se a passar o relatório médico para que o paciente possa regressar a Lis-

boa, onde tinha marcada mais uma sessão de fisioterapia, para o passado dia 11 de Outubro. Tentamos ouvir a médica em causa, mas não foi possível por, na altura, estar em gozo de férias.

A 21 de Agosto, Bernardo Ventura escreveu para a direcção do Hospital Militar Principal a solicitar o relatório médico. No despacho, datado de 29 de Agosto, a solicitação de Ventura é entregue à área de estatística daquela unidade hospitalar, que, por sua vez, encaminha, a 4 de Setembro, o documento para o Departamento de Neurologia, para os devidos efeitos. A mulher de Ventura revelou-nos que alguém no Hospital Militar lhe terá dito que teria de pagar 100 mil kwanzas para ter o relatório médico. “Até quando esse estado de coisas?”, questiona-se indignada. O desespero tomou conta dos familiares que não sabem mais a quem recorrer.

Perante este cenário, a mulher lança um grito de socorro, no sentido de encontrar ajuda para que o marido regresse a Lisboa. Enquanto a ajuda não chega, o estado de saúde do jornalista agrava-se cada vez mais. A solução tem sido o riluzol, comprimido que protege os neurónios, ajuda a fazer regredir o avanço da doença e aumenta a esperança de vida do doente, por um período de seis meses. Segundo a mulher, o remédio, proveniente de Portugal, é muito caro. Além disso, já não o têm em casa e não está disponível nas farmácias de Luanda.

Para minorar a situação, Bernardo Ventura tem estado a realizar sessões de fisioterapia no Hospital Américo Boavida. Segundo a esposa, as sessões “são limitadas e servem apenas para remediar”.

HOSPITAL MILITAR INDISPONÍVEL

O *Jornal Metropolitano de Luanda* procurou obter uma reacção junto do Hospital Militar Principal. O director da unidade hospitalar, Brigadeiro Belmiro Rosa, mostrou-se indisponível. **DS**



CONFIANÇA Elisa tem esperanças na recuperação do esposo, a quem oferece todo o apoio que as forças ainda lhe permitem



AUGUSTO LOURENÇO O PACIENTE DEVE SER AVALIADO

"No caso da Esclerose Lateral Amiotrófica, a equipa técnica da Junta tem de apreciar o relatório médico e observar o doente. Por isso é que as Juntas Médicas são de presença obrigatória. O doente tem de estar presente para ser avaliado"



JUNTA NACIONAL DE SAÚDE COMISSÃO TÉCNICA

Na Junta Nacional de Saúde possui uma comissão técnica que submete os doentes a uma nova peritagem, para certificar se as propostas dos hospitais a solicitar a junta médica são exequíveis ou não. Analisadas essas propostas, elas podem ser aceites ou não.

ENTREVISTA

Junta Médica só para doenças que não são tratáveis no país



JOSÉ SOARES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Augusto Lourenço PCA da Junta Nacional de Saúde indica os passos que se deve dar para obter a ajuda do Estado

Domingos dos Santos
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Quais são os requisitos necessários para que um doente tenha direito a uma Junta Médica?

Os pressupostos para um doente receber tratamento no exterior do país, através de uma Junta Médica estão regulamentado no Decreto-Lei 3/90, de 3 de Janeiro, publicado em Diário da República, que cria a Junta de Saúde. Os doentes no Sistema Nacional de Saúde estão divididos numa pirâmide sanitária. A nossa pirâmide sanitária é da base ao topo, começando do nível municipal, provincial e nacional. É a nível nacional que vamos encontrar os hospitais de terceiro nível. Compete aos hospitais de grande dimensão fazer, à Junta Nacional de Saúde, a proposta para que um determinado doente, de acordo com o seu diagnóstico e os recursos disponíveis nesses hospitais de referência, receba tratamento no exterior.

Basta a proposta de um hospital de referência para que o doente receba uma Junta Médica para tratamento no exterior?

Não é bem assim! Temos aqui, na Junta, uma comissão de peritagem médica que avalia caso a caso. Nem todos os doentes que são encaminhados para a Junta Nacional de Saúde, com o propósito de receberem uma Junta Médica para tratamento no exterior, obedecem os critérios que lhes permite sair, não obstante terem passado pelo crivo de um "hospital grande", passe o termo. Ou seja, aqui na Junta existe uma nova filtragem para certificar se a proposta do hospital é exequível ou não. Analisamos essas propostas, que podem ser aceites ou não.

Quais são as propostas que podem ser aceites?

As propostas que podem ser aceites são, em primeiro lugar, de patologias

que, reconhecidamente, não são tratáveis em Angola, mas que sabemos que, do ponto de vista científico, tem tratamento no exterior. Como é do vosso conhecimento, há patologias incuráveis. Na Junta Nacional de Saúde temos que avaliar todos esses aspectos. Não basta apenas não ter solução no país. É preciso que também tenha solução no exterior do país.

No caso específico de uma pessoa que padece de Esclerose Lateral Amiotrófica, doença que já se sabe que não tem cura, não é possível ao paciente receber uma Junta Médica?

As decisões da Comissão Técnica da Junta Nacional de Saúde são colegiais. Não é o presidente da junta ou um outro membro que decide quem deve receber Junta Médica. À pergunta que me foi feita, de uma forma muito directa e concreta sobre essa doença, devo dizer que as doenças não têm o mesmo comportamento no doente. Isto quer dizer que pessoas com a mesma doença podem ter tratamento diferente e é por isso que é feita uma análise individual de cada caso. No caso da Esclerose Lateral Amiotrófica, a equipa técnica da Junta tem de apreciar o relatório médico e observar o doente. Por isso é que as Juntas Médicas são de presença obrigatória. O doente tem de estar presente para ser avaliado.

E o que acontece a seguir?

Depois dessa análise, a Comissão Técnica vai emitir uma deliberação a aceitar ou não o processo. Eu não posso dizer, no caso concreto desse doente, se tem ou não critério para receber Junta Médica. Portanto, ele precisa de passar por uma peritagem médica, porque as causas relacionadas com o tratamento da doença no hospital preponente são várias. Podem estar relacionadas com a capacidade do hospital resolver o problema ou ainda com o facto de o hospital ter capacidade humana para tratar a doença, mas não ter recursos necessários no momento. Se chegarmos à conclusão de que, apesar de, neste momento, não ter recurso, como é o caso de um fármaco e que o Ministério da Saúde pode adquiri-lo, para colocar à disposição do hospital, para o tratamento do doente, então, esse paciente deixa de ter critério para receber Junta Médica.

Tem conhecimento desse caso específico?

Se o paciente ainda não tem o relatório médico, significa que ainda não tenho conhecimento. Só tenho conhecimento daqueles casos que têm processo a decorrer aqui, na Junta Nacional de Saúde.

O doente foi assistido inicialmente no Hospital Militar, que colocou como

condição para passar um relatório médico a apresentação de uma guia médica da Junta a solicitar esse relatório. A Junta passou essa guia médica. Como é possível não terem conhecimento desse caso, tratando-se de uma doença rara entre nós?

Eu não posso garantir isso, porque, como sabe, os pacientes que procuram pelos nossos serviços são muitos, embora essa doença, por ser rara, em princípio, eu devesse ter memorizado este caso. Acredito que sim, que possa ter passado pela Junta e eu, de momento, não me lembrar. Mas nesses casos, para não darmos informações que depois não venham a corresponder à verdade, convidamos o paciente para uma conversa, para saber se tem processo aqui ou não. A Junta Nacional de Saúde tem competência para solicitar uma segunda opinião de um hospital onde acharmos que tem especialista que trata dessa doença com maior acuidade científica.

Apurámos que o pedido de Junta médica foi solicitado através do Ministério da Saúde, numa carta dirigida ao ministro Luís Gomes Sambo, que a remeteu a Junta, para os devidos efeitos.

Depois dessa explicação, a conclusão que chegamos é que o doente já passou mesmo pela Junta Nacional de Saúde. Porque, se foi emitida uma guia médica, não podemos ter mais dúvidas de que este doente passou por nós. Não é possível, repito, mais uma vez, dar tratamento a esse caso sem que o doente esteja presente. Mesmo antes dessa entrevista, mandei averiguar, junto da área competente, se tinha algum processo com essa doença, mas não encontraram, embora agora me venha a memória que este paciente já tenha falado comigo. Mas agora não podemos avançar informações sem termos dados concretos. Por isso, aconselho o doente a nos contactar, para vermos realmente, o que se passou e, desta forma, ver como podemos solucionar o seu problema.

FINALMENTE... O RELATÓRIO DO HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL

O tão desejado relatório médico já foi, finalmente, entregue a Bernardo Ventura, quase seis meses depois de o ter solicitado ao Hospital Militar Principal. O documento, datado de 12 de Outubro de 2017, foi entregue ao doente em Novembro e é assinado pela chefe do Departamento de Neurologia, Maria Silva, pelo médico neurologista Mariano Chapman e pelo director da instituição hospitalar, Brigadeiro Belmiro Rosa.

A família já fez a entrega do relatório médico à Junta Nacional de Saúde, onde Bernardo Ventura foi, novamente, observado por

uma Comissão Médica. Feita a peritagem, a Comissão submeteu o relatório que produziu à ministra da Saúde, Sílvia Lutucuta, que, em despacho, autorizou a transferência do doente para Portugal, em tratamento.

Com a autorização da ministra, a Junta Nacional de Saúde solicitou os passaportes de Bernardo Ventura e da esposa, para tratar da transferência para Portugal, onde já estão marcadas as consultas.

Elisa Ventura contou-nos que, apesar de já estarem marcadas as consultas, é necessário uma resposta, por escrito, da unidade hospitalar

contactada pela Junta Nacional de Saúde, a aceitar o doente. A resposta pode, entretanto, levar tempo para chegar.

"A senhora que nos atendeu na Junta disse que a resposta pode demorar entre 2 a 4 anos e que devíamos aguardar, que depois eles ligariam para nós. Estamos à espera", disse.

Apesar disso, Elisa espera ter alguma resposta já em Janeiro de 2018, numa altura em que o estado de saúde de esposo piora a cada dia. "Ele já não consegue sentar-se, nem comer. Falar ..., muito menos", relata. **DS**

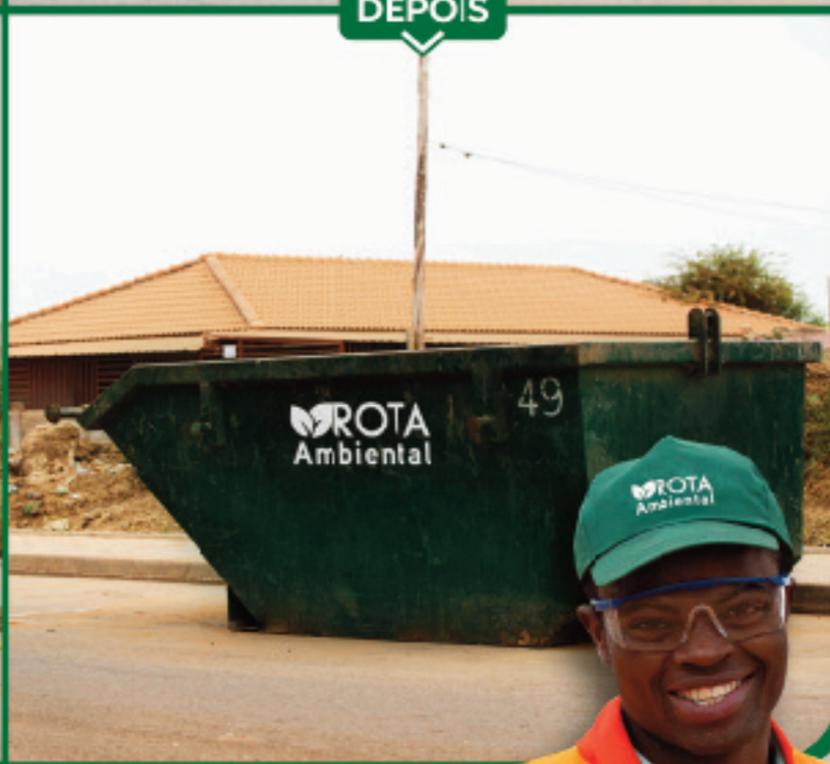
QUANDO A ROTA AMBIENTAL PASSA NA TUA RUA, TODA A GENTE PERCEBE.



ANTES



DEPOIS



**COLABORAR COM O TRABALHO DA ROTA AMBIENTAL
É BEM SIMPLES: BASTA DEITAR O LIXO NOS CONTENTORES.
FAZ A TUA PARTE!**

**TODOS JUNTOS FAZEMOS DE CACUACO
UM SÍTIO MELHOR PARA SE VIVER!**





LONGEVIDADE UM MONSTRO DOS ANOS 1960

Situada no bairro da Calemba (Distrito Urbano Maianga), a então Praça de Touros de Luanda foi erigida no início da década de 60. Ainda com a conclusão pendente, a 1 de Março de 64, a infra-estrutura foi inaugurada. Desde então, nunca mais foi acabada. O recinto serve hoje negócios de toda a sorte.



JOÃO CONSTANTINO UM NOVO PROJECTO

Para o Secretário de Estado, "não é um recinto construído, inicialmente, para albergar actos culturais que não fossem ligados à tauromaquia" e que "logo, carece de um projecto de reconversão rigoroso, tão rigoroso que, tecnicamente, às vezes, questiona-se se não será melhor iniciar um projecto novo...".

CALEMBA

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Ex-Praça de Touros dá lugar a "shows" de comes e bebes



Situada no bairro Calemba (Maianga), a então Praça de Touros de Luanda, ou Tourada, foi erigida no início da década de 1960. Hoje, virou espaço para barracas de alimentação e albergues para casais.

Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Em 2013, o Ministério da Cultura, órgão que o tutela, trouxe a boa nova de que o espaço passaria a ser "Palácio da Cultura" e a sua finalização (inauguração) seria em 2017, exactamente o ano que agora finda. Contas feitas, uma promessa que só ficou nas palavras...

Situada no bairro Calemba (Maianga), a então Praça de Touros de Luanda foi erigida no início da década de 60. Ainda com a conclusão pendente, a 1 de Março de 64, a infra-estrutura foi inaugurada. Desde então, nunca mais foi acabada.

Já foi numa Angola independente que viu a sua destacada utilidade ao servir de espaço do projecto cultural Kandando Brasil-Angola, no qual participaram estrelas da música daquele país, nomeadamente, Djava, Martinho da Vila, Chico Buarque, Alcione, Elba Ramalho, Clara

Nunes, Ivone Lara, Tinoças, entre outros. No mesmo palco, também actuaram já Luís Montês, Matadidi, Tshala Muana, Mbilia Bell.... Mas não passou disso, por adversas razões técnicas, acabando a serventia do espaço por ficar alienada.

Imponente, mas descolorida, a sua forma circular desperta a atenção de quem passa. A zona onde está erguida ficou, em consequência, conhecida como "rua da Tourada". Nada mais indicativo do que isso, para ajudar a orientar alguém que queira chegar a algum lugar das redondezas. São visíveis as fissuras que foi ganhando com o tempo, a cor fustigada pela chuva e sol e também pequenas iniciativas de reparo que tornaram ainda mais confusa a ideia de acabamento que se pode tirar daí.

Apesar de em toda a zona circundante exalar cheiro a urina, a nossa reportagem fez a primeira paragem no único estabelecimento à volta que tem alguma consideração pelos cuidados higiénicos, logo, à margem da atitude

normal aí praticada. Disse-nos uma jovem funcionária que tem como "exigência pessoal manter o seu local sempre limpo". Questionada sobre o cenário à volta, ela referiu que as pessoas estão habituadas a estarem assim e que não há nenhuma exigência nem fiscalização que toma conta da situação.

A uns passos dali, encontramos o jovem Chinho, um lavador de carro de apenas 16 anos. Conta-nos que é estudante da 9ª classe e que só faz este tipo de trabalho quando está de férias, com o objectivo de amealhar "uns trocos" que o ajudem a comprar roupa e ténis. Morador das proximidades, propriamente no bairro Calemba, acrescentou que estaria disposto a fazer um curso profissional, mas receia não conseguir outro "negócio" que lhe garanta dinheiro diário.

Casimiro é outro jovem abordado pela reportagem, exactamente quando lavava um Toyota Land Cruiser VX.R. Toda a água da lavagem escorria no chão, sem possibilidade de atingir a vala de drenagem. Parava e fazia um

charco, a escassos metros de outra quiosque de venda de bebida e comida, onde as pessoas consumiam, impávidas e serenas.

Disse-nos que faz este trabalho há mais de 5 anos, embora já tenha sido pedreiro numa empresa chinesa. Consegue em média 4 a 6 mil kwanzas por dia, quantia que nos garantiu ser suficiente para pagar a casa em que está a viver, no Rocha Pinto, e suprir necessidades escolares e alimentares da família. Sobre a higiene do local, atira as culpas às empresas que deveriam cuidar da cidade, alegando que, em todo recinto da tourada, só existe um contentor de lixo, que fica exactamente ao lado do largo onde está a Kitanda da Tourada.

"O contentor fica cheio rapidamente e as pessoas

não fazem mais nada, senão deitar o lixo no chão, à volta do contentor", diz, enquanto lava os pneus do carro e a água cria um lamaçal.

Frontalmente à Kitanda da Tourada, a menos de 6 metros do referido contentor, do lado direito, como quem vai para o interior do bairro e segue até chegar à paragem e pequeno mercado do Cassequel do Buraco, duas senhoras já de idade vendem a quem passa um pouco de bombó, e banana assados e ginguba. Já do lado esquerdo, como quem vai dar à Avenida Deolinda Rodrigues (antiga Estrada de Catete), encontramos mais de três senhoras a venderem frutas, encostadas à parede da Tourada, já mesmo na parte traseira do contentor de lixo que está colado à vala de drenagem.



**ROLDÃO FERREIRA
MONSTRO ADORMECIDO**

"É um monstro adormecido. Poderia muito bem reacender-se a chama do seu valor, vertido em outras façanhas culturais que não mais a tauromaquia, que não é de facto da nossa índole identitária, uma tarefa que está muito bem ao alcance da Direcção Provincial da Cultura de Luanda".



**OCUPANTES
TEATRO E LITERATURA**

No interior do recinto, o rés-do-chão e o primeiro piso estão ocupados com roulottes que vendem comida rápida; um restaurante que serve sopas e almoços e o escritório da Brigada Jovem de Literatura. No momento da reportagem, um grupo teatral ensaiava.

Com a circulação de água já obstruída, muito lixo vai parar à vala, gerando um cheiro nauseabundo. Basta atravessar a rua, chegamos ao Largo da Kitanda, já na direcção de quem vai ao Largo Deolinda Rodrigues ou, em caso de contornar à esquerda, ao Aeroporto, com as ruas cheias de lojas de venda de peças e acessórios de automóveis, aí convenientemente instaladas para alimentarem a barricada de carros parados e os trabalhos de mecânica.

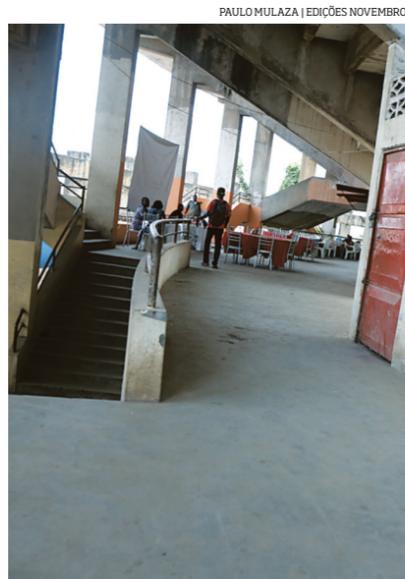
INTERIOR

O primeiro obstáculo para se chegar dentro do espaço é achar um letreiro ou seta que indique qual, entre tantas portas, é a principal, a dos utentes que queiram expor à direcção assuntos diversos. Antes, é preciso rodá-la a 360 graus, percorrendo a parede que não oferece mais do que a flagrante poluição visual, resultante de cores e nomes de estabelecimentos escritos cada um à sua maneira e cor, que vão de lojas de alimentação da uma conhecida rede a dormitórios ocasionais, como uma pensão com nome de tipo de dança e música. Ou, e talvez até a rápida solução, pedir a um dos seguranças que fazem de alguns carros aí parados como suas moradias que indique onde se dirigir para se chegar à porta da direcção.

Lá dentro, rés-do-chão e primeiro piso estão ocupados com roulottes que vendem comida rápida, um restaurante que serve sopas e almoços e o escritório da Brigada Jovem de Literatura. No momento da nossa reportagem, o grupo teatral NAI - Núcleo de Arte Independente - ensaiava no local. É do segundo piso que se pode ver a arena, em progressivo estado de degradação.

**NEGÓCIO DOMINADO
POR "MAMADUS"**

Não são apenas angolanos a fazerem trabalhos de mecânica. Há um grupo de indivíduos oriundos da África do Oeste, vulgares mamadus, que ga-



COMÉRCIO Lojas encham o espaço



TESTEMUNHO Roldão Ferreira

nharam grande aceitação da clientela angolana, que recorre a estes mestres por serem pessoas "muito honestas", conforme qualificou um jovem que lhe foi indicada a oficina da Tourada como grande trunfo para resolver o seu problema de motor. Postos no local, apuramos que é mesmo a oficina mais concorrida, sempre a receber carros grandes e pequenos, com problemas mais ou menos complexos.

Um dos mestres disse à nossa reportagem que trabalha neste recinto da Tourada há mais de 8 anos, já tendo conquistado a confiança dos clientes angolanos, sem contar os carros dos seus conterrâneos que não paravam de chegar ao local.

Um outro mestre preferiu enveredar pelo negócio, sendo sua propriedade a loja de peça mais frequentada. Os carros sem solução ou cujos proprietários ainda não dispõem de verbas suficientes para comprar peças, são aí guardados, controlados por uma empresa de segurança que garante que ninguém surripie acessórios na calada da noite. Isso leva os clientes a ficarem descansados, confiantes nos mecanismos de segurança adoptados, tanto que alguns deixam aí os seus carros por meses.

Por outro lado, verificamos que todos os serviços de mecânica são feitos por pessoas que não estão minimamente no rigor das regras exigidas em segurança no trabalho, desprovidos até do famoso fato-macaco de mecânico, quanto mais bota e capacete. Sendo que é uma oficina a céu aberto, perguntamos como procedem quando são atacados pela necessidade de urinar ou defecar, ao que responderam que urinam mesmo à volta mas, para defecar socorrem-se das latrinas dos estabelecimentos.

Esta é, à vista, a vida à volta da Tourada, onde o lixo cresce, o negócio flui e a cultura sai como enteada.

**ROLDÃO FERREIRA:
"NADA AINDA ESTÁ PERDIDO"**

"Eu vi a Tourada a nascer, isto precisamente nos anos 50. O bairro pertencia ao Fernando Torres Vieira Dias e à família Voto Neves. A família Neves chega a Luanda proveniente de Madrid, Espanha, e sugere aos portugueses que se faça uma tourada mais ou menos parecida à que já existia em Lisboa, no Campo Pequeno", conta Roldão Ferreira.

Acrescenta que a Tourada foi se fazendo importante, mesmo que a matança de animais assustasse muitos luandenses, que não estavam habituados àquele tipo de espectáculo. Sobre o local, lembra que antes era um campo aberto, utilizado para o cultivo de mandioqueiras. Ela, precisa Roldão Ferreira, começa a ganhar espectro nos anos 60/61, depois de dois anos árduos de cons-

trução. Por outro lado, garante que "nada ainda está perdido, visto que a sua função de espaço concebido para acções lúdicas e culturais parece estar consolidada: o palco é redondo e dá para todas as direcções em simultâneo".

Para Roldão, seria bom que se desse um reaproveitamento naquilo, porque assim a cultura tem a ganhar um espaço que já há muito precisa, adaptável para o teatro e à dança.

"É um monstro adormecido. Poderia muito bem se reacender a chama do seu valor, vertido em outras façanhas culturais que não mais a tauromaquia, que não é de facto da nossa índole identitária, uma tarefa que está muito bem ao alcance da Direcção Provincial da Cultura de Luanda", sugere. **MM**

**O ESPAÇO NÃO PODE SER VISTO COMO
ABANDONADO, DIZ MINISTÉRIO DA CULTURA**

O Ministério da Cultura, na pessoa de João Domingos Silva Constantino, secretário de Estado para as Indústrias Criativas, afirma que a imagem de abandono que o recinto da Tourada apresenta não pode ser visto como abandono, por parte da instituição que a tutela.

O primeiro projecto, diz o governante, elaborado nos anos 1980, era de grandeza superior, bastante ambicioso, cuja elaboração transcendia a competência do Ministério da Cultura. A situação arrastou-se e, volvidos mais de vinte anos, leva, à primeira vista, à conclusão de que "está remetida ao esquecimento, quando, afinal, optou-se por outras soluções, eventualmente, menos onerosas".

Uma destas soluções foi a tentativa de resgate efectivo do espaço, que veio a acontecer em 2013, já no âmbito do Programa Nacional de Cultura, confiantes em que retomariam as "acções, no sentido de alterar o estado da coisa, que estava praticamente parada". Assim, continua no ar a promessa da transformação em "Palácio da Cultura", anunciado há alguns anos, o que, entretanto, João Domingos Constantino não vê com bons olhos.

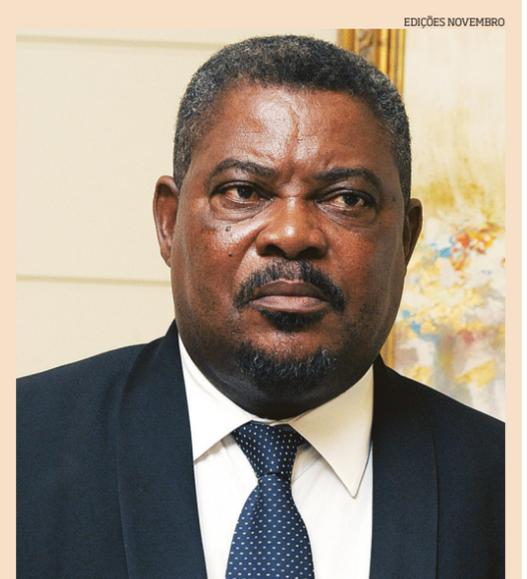
"Não se pode erguer um palácio numa zona cuja dignidade não se harmoniza" com o que se pretende. "Não somos apologistas da mediocridade, não gostamos de dar passos maiores do que a perna", remata.

Para o secretário de estado, "não é um recinto construído, inicialmente, para albergar actos culturais que não fossem ligados à tauromaquia" e que "logo, carece de um projecto de reconversão rigoroso, tão rigoroso que, tecnicamente, às vezes, questiona-se se não será melhor iniciar um projecto a ter que alterar esse", uma possibilidade ainda em aberto.

O responsável não esquece que este espaço já albergou espectáculos de sucesso, embora por força de adaptações. Porém, hoje, é "evidente que o nível de exigência do mercado cultural é cada vez maior e ninguém quer fazer um espectáculo que não ofereça uma dignidade compatível com o nível do artista ou da entidade que vai lá estar".

SOLUÇÕES CONDICIONADAS

No rol de entraves que se alistam como "calcanhar de Aquiles", destaca-se também a difícil situação



MINISTÉRIO João Constantino, Sec. de Estado

financeira que atravessa o país. Por isso, João Constantino condiciona uma solução para a Tourada à interacção com o Ministério do Comércio, o Governo Provincial de Luanda e a Polícia Nacional.

"O espaço envolvente foi transformado. Não compete à Cultura cuidá-lo. Foram construídas casas e oficinas e coisas aí à volta, de tal modo que, quando se pensou em retomar o projecto da cultura, tivemos de chamar os nossos parceiros. Já era preciso desalojar as pessoas que vivem à volta, mas não mandá-las para o desemprego", explicou.

Entretanto, uma vez que ceder o espaço seria uma solução, chegou-se a acordo com uma empresa privada, por via de um contrato, que "não teve como primeiro fim gerar receitas, mas garantir que se mantivesse ocupado, no sentido da sua preservação".

Foi com a retoma dos estudos de viabilidade que o Mincult rescindiu o contrato com a aludida empresa, que, entretanto, se mantém no lugar. João Constantino esclarece que "as entidades que lá estão não têm contrato. Foram todos rescindidos, porque a cultura pode precisar do espaço". **MM**



A QUESTÃO LUCRO OU ACTO ILEGAL?

Se, para os matocheiros, "michar" é simplesmente fazer um inocente acréscimo ao valor real de um determinado produto, para um visitante ou comprador, o termo, analisado no sentido mais amplo, pode ser sinónimo de roubo, pois é, sem dúvidas, um assalto endividado ao bolso do comprador.



ADILSON GUMPA UM TRABALHO ÚTIL

Adilson Gumpa, "matocheiro" de uma das lojas de peças, considerou que, independentemente, do mau nome que os "micheiros" têm, eles facilitam a localização rápida das peças, permitindo aos clientes racionalizar o seu tempo no local. Para ele, o trabalho que fazem é útil.

COMPRA E VENDA

EDIÇÕES NOVEMBRO



Micheiros Entre o roubo e o inocente acréscimo

Mazarino da Cunha
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Se num Parque Nacional, como Iona ou da Quissama, existem os guias turísticos, aqueles que orientam de forma precisa os visitantes a cada local, na Mercado dos Correios, no município do Kilamba Kiaxi, em Luanda, estão os "matocheiros" ou "micheiros", que levam clientes aos vendedores.

Os matocheiros são, na sua maioria, jovens, com idades compreendidas entre os 20 e os 50 anos, oriundos de diferentes países de África. São, geralmente, nigerianos, senegaleses, guineenses, congolese democráticos e, obviamente, angolanos.

Atentos e ousados, eles estão espalhados em todos os lugares da maior praça de peças de automóveis a céu aberto de Luanda, e quíça do país. Não lhes escapa nenhum comprador que lá vá.

O Mercado dos Correios está confinada num espaço arrojado e rodea-

da de centenas de lojas.

Durante a "caça" ao cliente, é comum ouvir os homens metidos no negócio chamar "Mô kota, "papote, "bosí". Esses e outros nomes fazem o dia-a-dia dos micheiros, que os usam para atrair a atenção dos potenciais compradores.

"Nesse mercado, a presença do matocheiro é obrigatória. Por isso, negociar uma peça de automóvel sem a intervenção de um deles, não estamos a falar do Mercado dos Correios", disse Muanha Cayona, um micheiro que aceitou falar para o Luan-da, Jornal Metropolitano.

"Mô kota, estou habituado a fazer micha. Não estou a roubar", explicou Muanha, para justificar o que faz. Disse que boa parte dos vendedores nacionais e estrangeiros que aqui estão começaram com o dinheiro da micha.

Muanha Cayona é micheiro há mais de cinco anos, na Mercado dos Correios. Mas, ainda assim, foi "michado" pelos micheiros do Mercado da Fubu, quando foi comprar uma

carrada de areia para construir a sua casa. "A carrada de areia custava 20 mil Kwanzas, na bancada das donas da mercadoria. Mas aos micheiros paguei 38 mil. É normal e compreensível. Eles têm família para sustentar e não há emprego formal para todos", argumentou.

Como se quisesse nos mostrar o lado humano de seus colegas, Muanha Cayona disse: "os micheiros são solidários. Se tiveres alguma dificuldade, eles ajudam. Por exemplo, quando vou ao Mercado da Fubu, eles oferecem-me uma bebida, trocamos ideias sobre os produtos à venda dos diferentes mercados onde a 'matocha' é diária. Nós consideramos a 'micha' um trabalho como outro qualquer. Dá oportunidades a milhares de jovens".

Apesar de tirar sustento da "micha", Cayona considera que, para conseguí-la, faz enorme sacrifício e corre muitos riscos.

"Temos de estar sempre a andar de um lado para a outro, apanhar sol, poeira e correr outros riscos", frisou.

CONFLITOS

Os "micheiros" e os donos das mercadorias nem sempre se entendem. Muanha contou que são frequentes os conflitos entre estas duas classes de vendedores, principalmente, quando a "micha" é gorda. Às vezes, o comprador também entre na maka.

Por seu lado, Adilson Gumpa, "matocheiro" de uma das lojas de peças, considerou que, independentemente, do mau nome que os "micheiros" têm, eles facilitam a localização rápida das peças, permitindo aos clientes racionalizar o seu tempo no local.

"Sem a presença dos 'matocheiros', as vendas de peças teriam pouca dinâmica, pelo facto de haver muitas lojas a vender os mesmos produtos. Eles são verdadeiros guias, porque dominam todo o mercado", frisou.

Adilson Gumpa também é de opinião que o fenómeno da "micha", na Mercado dos Correios, permitiu a convivência entre angolanos e estrangeiros. Do mesmo modo, afirma, com convicção, que "os donos dos produtos sabem que, sem os 'micheiros', as vendas ficam a meio gás. Porque os compradores não vão imaginar que ali ou acolá há o material que precisa. Logo, aparece o 'micheiro', 'matocheiro' ou 'bofiero', como também nos chamam", explicou.

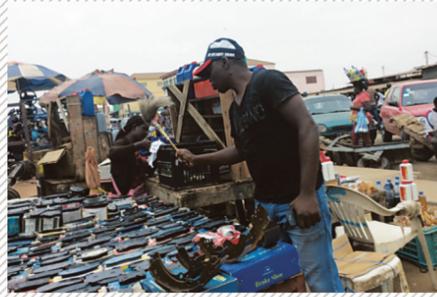
O cliente que for à Mercado dos Correios e ignorar a figura do "micheiro" dificilmente encontrará o que deseja ou ficará horas e horas a procurar por um simples artigo.

"No Mercado dos Correios, é impossível fazer negócio sem o micheiro", rematou Adilson.



**MUANHA CAYONA
PRESENÇA DO MATOCHERO
É OBRIGATÓRIA**

“Nesse mercado, a presença do matocheiro é obrigatória. Por isso, negociar uma peça de automóvel sem a intervenção de um deles, não estamos a falar do Mercado dos Correios”, disse Muanha Cayona, um dos micheiros que aceitou falar para o Luanda.



**LEVAR O CLIENTE
COMO GUIA TURÍSTICO**

Se num Parque Nacional, como Iona ou Quissama, existem guias turísticos, que orientam de forma precisa os visitantes a cada local, no Mercado dos Correios, no município do Kilamba Kiaxi, em Luanda, estão os “matocheiros” ou “micheiros”, que levam clientes aos vendedores.

MICHAS SILENCIOSAS

De acordo com o relato de Adilson Gumpa, as raparigas que trabalham como operadoras de caixas, nas lojas de peças mecânicas, também fazem as suas negociatas, a chamada “micha silenciosa”.

“A micha silenciosa” acontece quando um cliente solicita à operadora de caixa um determinado produto, que a loja não tem. “Ela (operadora) entra em contacto com uma das suas colega de outra loja, que traz o produto, mas com um preço alterado. Se a peça custar 3 mil Kwanzas, elas aumentam mais três a quatro mil”, detalhou.

A “MICHA

Para descodificar o significado da “micha”, é necessário estar no interior da agitação da praça dos Correios e perceber que a palavra vai muito além de mera gorjeta. Se, para os matocheros, “michar” é simplesmente fazer um inocente acréscimo ao valor real de um determinado produto, para um visitante o termo, analisado no sentido mais amplo, pode ser sinónimo de roubo, pois é, sem dúvidas, um assalto endivida ao bolso do comprador.

MC



ADILSON GUMPA Jovem vive da “intermediação”

MUANHA CAYONA Assumido “comissionista” do mercado



ENSINO CRIANÇAS FORA DO SISTEMA

"O nosso ensino está mal, porque ainda há muitas crianças fora do sistema. Fico triste ao ver isto, porque não há necessidade de termos um índice de analfabetismo tão alto, num país rico como o nosso. Que os meus colegas sigam os seus corações e os seus sentimentos, independentemente da opinião alheia".



OFERTA UM POUCO DE TUDO

Não restava dúvida de que no Catinton encontrava-se quase tudo, desde a múcua, tomate, banana-pão, hortaliças (como é exemplo a vendedora na foto), galinhas do mato até aos chamados produtos industrializados, como óleo, feijão, arroz, açúcar, etc. A decisão fica para quem procura os melhores preços.

EU SOU O FUTURO

EDIÇÕES NOVEMBRO



ESTUDOS Dawson Narciso aposta nas tecnologias

Estudante cria aplicativo

Dawson Torres Narciso, estudante da 11ª classe, inventou um aplicativo capaz de fazer pedidos de lanche e almoços em cantinas escolares. Um usuário e uma senha são necessários para o engenho funcionar. O estudante da escola S. José do Cluny, do curso de Ciências Físicas e Biológicas, apresentou a sua invenção no Brasil, numa feira internacional, organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dawson pede a atenção do Ministério da Educação, para aprofundar os estudos sobre o aplicativo.. **SS**

QUEM EU SOU...

Nome? Dawson Torres Narciso

Idade? 17 Anos.

Local de nascimento? Recife, Brasil.

O que fazes? Estudo. Estou na 11ª classe.

O que inventastes? Eu e um colega inventamos um aplicativo móvel inteligente.

Como funciona? O estudante tem acesso a uma base de dados e daí pode fazer encomenda de lanche em qualquer lugar, sem precisar de estar na fila. Na hora de levantar, basta inserir a senha. Esse aplicativo facilita a comunicação e pode, inclusive, dar dicas sobre o que almoçar ou lanchar naquele mesmo dia. O aplicativo é um sistema que permite que os alunos interajam com a gerência da cantina.

O que queres ser no futuro? Engenheiro de Software.

Como concretizá-lo? Penso continuar a

estudar, participar em feiras estudantis, para adquirir mais conhecimentos, investigar muito e aprender com as pessoas formadas na área.

O que te motivou? Nos dias de hoje, é quase impossível viver sem estar conectado à Internet. O poder dessa ferramenta possibilita uma série de facilidades que, até há pouco tempo, eram inimagináveis. Os seus benefícios podem ser aproveitados em qualquer situação e, aqui, a escola precisa deste aplicativo, pois a cantina fica abarrotada de gente à hora do almoço.

O que já conquistaste enquanto estudante? Nos últimos anos, sempre estive no quadro de honra da escola e este ano fomos ao Brasil, a uma feira estudantil, e expusemos o nosso produto. Eles elogiaram muito a ideia.

Como passas os tempos livres? Gosto de jogar à bola, ler, ouvir música, estar com os amigos e a família.

João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A equipa de reportagem do Luanda, Jornal Metropolitano aventurou-se numa viagem de táxi para chegar ao mercado do Catinton, no distrito urbano da Maianga. No táxi, as zungueiras e vendedoras de pracinhas de vários bairros espalhados pela nossa Luanda estavam em maioria.

A conversa entre os passageiros era fluida; falavam de quase tudo: política, dificuldades da vida em razão da crise económica e vários relatos sobre criminalidade em algumas zonas. Logo que entramos na estrada de terra batida que leva ao mercado, depáramo-nos com uma bela vista, garantida pelo monte da lixeira do antigo aterro sanitário do Golfe, que forma

va uma linha no horizonte. Chegávamos ao mercado do Catinton.

Localizado no bairro da Terra Vermelha, o mercado do Catinton faz fronteira com o Rocha Pinto, Gamek, Kilamba Kiáxi e bairro dos Rastas. A área comercial tem uma capacidade para três mil lugares, que servem às quitandeiras que vendem produtos variados.

Há cada vez mais pessoas a trocar o supermercado pelo mercado do Catinton. Atrai-as a variedade de produtos e os preços baixos. Ali, os compradores podem negociar antes de pagar. Além das donas de casa, representantes de restaurantes, salões de festas e de outros estabelecimentos comerciais vão àquele mercado buscar o que necessitam.

VENDAS AO AMANHECER

As vendedoras começam a chegar ao mercado do Catinton às cinco horas da

manhã. Entre a arrumação das bancadas e da mercadoria, aparecem os primeiros compradores, geralmente revendedores. Compram os produtos e levam-nos para o Cassequel, Calemba, bairro Popular, mercado dos Congolese, Benfica e outro lugares.

Há produtos com maior saída e mais procurados do que outros. O milho fresco é um deles. As mulheres sentam-se para escolher as espigas de melhor qualidade. Depois de avaliada a quantidade a transportar, elas fazem o pagamento. Nos dias em que há muito milho, vende-se seis espigas por 300 Kwanzas, mas se estiver em falta, cinco milhos são vendidos ao mesmo preço.

Gonçalves Pedro é um dos jovens que se dedica à contagem das espigas de milho. Ele disse que, no período da manhã, mais de 300 senhoras compram milho.

MERCADO

EDUARDO PEDRO/EDIÇÕES NOVEMBRO

Catinton sustenta a rev

Mais pessoas trocam o supermercado pela praça, atraídas pela variedade de produtos





**CONCORRÊNCIA
CADA VEZ MAIS GENTE
PROCURA O LOCAL**

Há cada vez mais pessoas a trocar o supermercado pelo mercado do Catinton. Além das donas de casa, representantes de restaurantes, salões de festas e de outros estabelecimentos comerciais vão àquele mercado buscar o que necessitam.



**ACOMODAÇÃO
MERCADO TEM ESPAÇO
PARA 3 MIL VENDEDORES**

Localizado no distrito urbano da Maianga, no bairro da Terra Vermelha, o mercado do Catinton faz fronteira com o Rocha Pinto, Gamek, Kilamba Kiayi e bairro dos Rastas. A área comercial tem uma capacidade para três mil lugares, que servem às quitandeiras.



Revenda

tos e os preços baixos

CARVÃO E “CANGULOS” À ESPERA DE CLIENTES

Estamos no sector de venda e revenda de carvão. Mais de 400 sacos do produto estão organizadamente amontoados. Homens sentados nos seus carrinhos de mão, os conhecidos “cangulos”, esperam por quem queira pagar pelo transporte de sacos de carvão. Há muita confusão no local, mas cada vendedor conhece o sinal que colocou nos seus sacos. Ali vale a arte de saber vender. São inúmeras pessoas dedicadas ao mesmo negócio.

Vemos uma mulher sentada, com o bebé ao colo. Ela traça calças pretas e blusa amarela, que perdem a cor, devido o constante contacto com o carvão. É dona Joana, vendedora de carvão. Não pode ver alguém passar, que faz logo o “comercial” do seu produto.

BAGRE FUMADO, O CHAMARIZ

No sector do peixe seco, há muita diversidade. Mas o bagre fumado desperta a atenção de quem passa, devido ao cuidado que as senhoras têm a tratá-lo. O peixe é grosso e mais caro.

Tia Mariquinha Gaspar explicou que as quitandeiras, na hora da venda, têm de negociar com os clientes, que, algumas vezes, pedem abatimento ou até para acrescentar um peixe.

“Quando chegamos a um entendimento, o freguês pode levar o bagre no valor de 2000 ou 4000 Kwanzas, isto de acordo com o tamanho e a quantidade de peixe”, explica.

Enquanto conversamos com a tia Mariquinha, ao lado está a vendedora de beringela, tomate, alface, jimboa e outras verduras. Sorridente, ela diz: “aqui, tem tudo para o almoço e ainda levas mangas, como sobremesa”. Para rematar, a filha, ao lado, acrescentou: “a bom preço, tio”.

Quando nos apercebemos que também estávamos cercados de vendedoras de fuba de bombo, milho, branca e amarela, tivemos a certeza de que a “funjada” ali era

combinada. As mulheres trabalhavam em sintonia. A moageira montada a escassos passos vinha reforçar o que já tínhamos constatado.

Não restava dúvida de que no Catinton encontrava-se quase tudo, desde a múcua, tomate, banana-pão, hortaliças, galinhas do mato até aos chamados produtos industrializados, como óleo, feijão, arroz, açúcar, etc. **JP**

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



BENS A oferta é diversificada e os preços são atraentes

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

“É uma enchente de dar medo. Todas elas são esforçadas. Compram para revender, umas assam e outras fervem”, explicou. Segundo Gonçalves Pedro, as carrinhas carregadas de milho são provenientes de fazendas, nas províncias de Benguela e Kwanza-Sul (Calulo e Kibala).

Assistimos algumas mulheres a arrumar mangas e bananas em bacias, com muito jeito, de modo a que um cacho caiba. Lúcia Catarina, que vive no bairro Mundial, no Benfica, é revendedora. Como não tem forças para andar com uma banheira à cabeça, como as outras companheiras, senta-se num lugar estrat

tégico e, ali mesmo, começa a revender.

“Em dias tão bons, vendo tudo e, no dia seguinte, volto para comprar nova mercadoria. Mas há dias em que as pessoas parecem ficar sem dinheiro. Aí, temos que ter muita agilidade para acabar o negócio”, disse. Com este pequeno negócio, a mulher ajuda o marido no sustento da família.

Na zona de venda de banana, as caixas vazias indicam que há muita procura, daí a alta de preços. Lúcia Catarina disse que, consoante tamanho, preço de um cacho de banana pode ser fixados entre os 2.300 e 18.800 Kwanzas.



MADRUGADORES O negócio começa às primeiras horas da manhã, inclusive com os primeiros compradores



LOCALIZAÇÃO NO RIO CAMBAMBA

Geograficamente, este ponto fica situado entre os Golfes 1 e 2, no rio Cambamba. Os moradores chamam-no "Vala", pelo facto de apenas correr água no tempo chuvoso. Na verdade, o rio que envia a água para a vala nasce nas imediações do condomínio dos Cajueiros, no Golfe 2, corre até a Avenida Pedro de Castro Van-Dúnem "Loy".



MELIANTES PERIGO NA ZONA

Muitos meninos passavam o tempo a fazer diversas brincadeiras ao longo do rio Cambamba. Estão em férias e com o tempo para tudo. Distraído, o repórter continuava a fazer fotos, quando um dos meninos alertou para o perigo que corriamos, ao exhibir a câmara fotográfica.

KILAMBA-KIAXI

EDIÇÕES NOVEMBRO

Vala-Caminheiro

A fronteira entre os dois Golfes

A viagem de táxi para o Golfe 2, com destino à Vala/Caminheiro, leva a inúmeras ruas, bastante movimentadas



João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Nos últimos anos, a cidade de Luanda vem registando um crescimento demográfico assustador. Nasceram vários bairros, uns a seguir aos outros. No início dos anos 90, poucas pessoas pensavam morar em zonas como Benfica, Ramiros, Camama ou Viana. Mas, hoje, estes bairros estão muito povoados. Novas terras são descobertas e habitadas pela população carente, que, regra geral, chega primeiro que a administração do Estado.

Apesar disso, nos bairros antigos, com casas erguidas e bem conhecidos, ainda existem espaços e histórias surpreendentes, por descobrir. Nas imediações do Golfe 2, Kilamba Kixi, numa paragem de táxi, os cobradores apregoam: "Vala/Caminheiro, 100 Kwanzas...". O repórter do Luanda, Jornal Metropolitano (LJM), que andava por aquelas bandas, ficou intrigado, pois não conhecia o lugar anunciado. Será que o caro leitor e munici-

pe conhece onde se localiza?

Geograficamente, este ponto fica situado entre os Golfes 1 e 2, no rio Cambamba. Os moradores chamam-no "Vala", pelo facto de apenas correr água no tempo chuvoso. Na verdade, o rio que envia a água para a vala nasce nas imediações do condomínio dos Cajueiros, no Golfe 2. Corre até à Avenida Pedro de Castro Van-Dúnem "Loy", desce, atravessando a ponte do Nguami Maka, que dá à zona 10, do bairro Golfe 1, não muito distante da Praça dos Correios.

No táxi para o Golfe 2, com destino à Vala/Caminheiro, passa-se por inúmeras ruas, bastante movimentadas: vendedores, compradores e até crianças misturam-se. O condutor do táxi é obrigado a reduzir a velocidade.

Paulo Manuel avisa: "aqui, o melhor é não teres pressa. Se atropelas uma criança, tens que ter sorte. A população aqui não pergunta; dá-te uma boa surra e, pode acontecer, estragam-te o carro. Aqui tens de ter muita calma", aconselhou o taxista, com um sorriso. Depois de, aproxi-

madamente, dez minutos de andamento, chegamos à ponte do Nguami Maka. Rapidamente, o cobrador perguntou aos passageiros: "quem fica na vala?". Desceram apenas duas senhoras. Logo, apercebemo-nos que este é um ponto de referência para quem vive nas imediações da ponte Nguami Maka e que Caminheiro é o nome de um colégio que fica na Zona 10 do Golfe 1, sendo a paragem final.

O Hiace, com os outros ocupantes, incluindo o repórter do LJM, continua o seu trajecto. Em conversa, descobrimos que a ponte da Vala é uma zona muito perigosa. Há registo de muitos assaltos.

RECLAMAÇÃO DOS MUNICÍPES

Em Julho deste ano, o Governo construiu, no Nguami Maka, sobre o rio Cambamba, uma ponte metálica com 30,48 metros de comprimento e largura de 7,35 metros.

A ponte veio beneficiar tanto a mobilidade rodoviária quanto a de peões. Os moradores enaltecem a obra. Mas aqueles que viram as suas residências demolidas, pela cons-

trução da infra-estrutura, queixam-se da administração local, que tarda a indemnizá-los.

Nzatoto Pedro teve a casa parcialmente destruída. Ele disse que, antes do início da construção, os técnicos da Administração "estavam a obrigar os moradores a assinar papéis em branco. Nós recusamos. Até agora, não temos resposta da administradora, nem do Gabinete Técnico, que, antes da construção, procurou os moradores para os sensibilizar sobre os benefícios da construção", lamentou.

O morador pretende reconstruir o seu quintal, que foi demolido pela administração, para não ser invadido pelas águas da chuva. "Hoje, depois de muitos meses, estamos numa situação triste. Partiram todo o meu quintal e

uma parte da residência. Quando chove, a água invade o interior da casa, o que me deixa muito triste".

Marceneiro de profissão Nzatoto Pedro usava o seu quintal como oficina, mas agora, devido à demolição, "desenrasca" a vida como taxista. "Não tenho espaço para guardar as obras feitas", justifica-se. Por isso, pede ao Governo Provincial de Luanda maior a atenção e consideração às reclamações dos munícipes.

Adão Garcia teve sorte diferente. Viu a sua casa a ser totalmente demolida. "Fomos burlados pelos técnicos da administração. Acho que alguns deles tiraram benefícios. Tenho cinco filhos e, por causa desta situação, fui obrigado a viver em casa da minha sogra", desabafou o cidadão, que ainda tem esperança em ver o seu caso solucionado.



**PREGÃO
“VALA-CAMINHEIRO
100 KWANZAS”**

Nas emediações do Golfe 2, Kilamba Kiaxi, numa paragem de táxi, os cobradores apregoavam: “Vala/Caminheiro, 100 Kwanzas...”. O repórter, que andava por aquelas bandas, ficou intrigado, pois não conhecia o lugar anunciado.



**AUTO-SUSTENTO
CULTURAS PARA A VIDA**

Habitantes do Kilamba Kiaxi dedicam-se ao cultivo, em hortas, para o auto-sustento. Tia Maria é uma dessas pessoas. Ela contou que há mais de 30 anos que tem ali o terreno. Cultiva produtos para a sua dieta alimentar e para comercializar no Nguami Maka e nos Correios.

O CULTIVO AO LONGO DA VALA E A “MINHA BAGUDA”

Muitos habitantes do município do Kilamba Kiaxi dedicam-se ao cultivo, em hortas, para o auto-sustento. Jimboa, quiabo, milho e batata-doce estão entre os produtos mas cultivados.

Tia Maria, como é conhecida na zona, contou que há mais de 30 anos que tem ali o terreno. Cultiva produtos para a sua dieta alimentar e para comercializar nos mercados Nguami Maka e Correios. “Eu vivo do campo. Não faço outra coisa, senão vir à minha lavra. Aqui, era um lugar seguro, só havia hortas. Agora, veio muita gente, houve uma ocupação dos terrenos e perdi muito com isso”, desabafou tia Maria. Confessou, igualmente, que tem muito medo dos jovens que passam o dia ali, nas proximidades, pois tem conhecimento de que muitos deles são delinquentes.

“MINHA BAGUDA”

Enquanto tirávamos algumas fotos, ao logo da vala do rio Cambamba, reparámos que muitas crianças, pela

inocência, elegeram o sitio como o melhor para brincar. Ouvíamos as vozes de dois meninos, que, dentro da água suja, pescavam larvas com um pano que faziam de rede, com o auxílio de um balde. De repente, um gritou: “minha baguda!”, referindo-se a um peixinho que, geralmente, é usado em aquários. A euforia dos rapazes superava qualquer preocupação com o risco de contracção de doença. Coisas de crianças.

Havia muitos mais meninos a fazer diversas brincadeiras. Estão em férias e com tempo para tudo. Distraído, o repórter continuava a fazer fotos, quando um dos miúdos alertou para o perigo que corríamos, ao exibir a câmara fotográfica.

“Kota, kota, guarda essa máquina na pasta, yah. Vão te ‘lamber’ os mambos. Os ‘malikes’ daqui a pouco estão aí”, disse, preocupado com a nossa segurança. Logo, decidimos pôr ponto final à nossa reportagem na Vala/Caminheiro, a fronteira entre os Golfe 1 e o 2.

JP



ALTERNATIVAS Enquanto alguns meninos nadam, outros preferem capturar peixinhos para encher o aquário

EDIÇÕES NOVEMBRO



VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

ALHEAMENTO A euforia dos rapazes na hora da brincadeira supera qualquer preocupação com o risco de contracção de doenças ou com qualquer outro perigo



EPAL-E.P. SERVIR COM QUALIDADE CADA VEZ MAIS E MELHOR.

COMUNICADO

*Estimado Cliente,
Actualize o seu contacto telefónico nos
balcões das agências e postos comerciais da
EPAL-E,P para receber a conta do consumo
de água por mensagem (SMS).*

Horário: Aberto de Segunda à Sexta das 08H00 às 15h30
Sábado das 08h00 às 12h30

Água é vida. Dê vida à EPAL pagando o consumo

ANTES



DEPOIS



Quando todos se ajudam, a cidade fica mais limpa.

Coloca o lixo em sacos e deita no contentor. Um gesto tão simples faz toda a diferença. **Colabora!**

 NOVA
AMBIENTAL



EVOLUÇÃO PASSAGEM DE CASA A CASA

Existem três centros do género, que funcionam em casas arrendadas: a Casa Ester, no Zango III, que acolhe mulheres que, pela primeira vez, queiram reabilitar-se. Lá permanecem de três a seis meses. Se melhorarem o comportamento, são transferidas para Casa Ruth, ainda no Zango, tida como o lar da segunda fase do processo.



PEDRO KASSOCA DOIS ANOS SEM ÁLCOOL

Pedro Kassoca está há dois anos no Centro. Neste período, confessou, não ingeriu sequer uma gota de álcool. Tem 32 anos, é da província da Huíla. Era alcoólatra, fazia roubos. Mas hoje, "beber e fumar são coisas do passado", disse, para acrescentar que vai casar-se este ano, com uma das jovens acolhidas na Misfron.

RESSOCIALIZAÇÃO

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Misfron recupera jovens dependentes de drogas

Organização missionária que trabalha com pessoas carentes tem três centros, dois em funcionamento no distrito urbano do Zango e um no bairro da Caop em Viana.

Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Marinela Cassolande, ainda menina, aos 13 anos, mergulhou no mundo dos estupefacientes, das bebidas alcoólicas e, conseqüentemente, da prostituição. Hoje, aos 21, desfruta de uma vida mais equilibrada, no Centro de Reabilitação Misfron (Missões Missionárias Sem Fronteiras).

Depois de um período conturbado, Marinela aceitou a mão solidária deste centro, instituição missionária que acolhe e reabilita pessoas sem-abrigo e com problemas de drogas. Os vícios afastaram-na da família. Chegou ao Misfron grávida do seu segundo filho. Agora, é uma pessoa completamente diferente e só pensa em continuar a estudar, cuidar dos filhos e levar uma vida digna.

No centro, localizado no Zango III, de onde não pretende sair, Marinela estuda a bíblia, cozinha, lava, arruma e cuida das crianças acolhidas, incluindo os seus filhos. Há dias em que sai à rua para divulgar o trabalho do centro e recolher donativos. Todas estas actividades fazem parte do seu processo de reabilitação e recuperação.

À semelhança de Marinela Cassolande, os jovens Silvestre André, Pedro Kassoca, Saidi Mulaza e o adolescente Orlando Luís também foram acolhidos num dos centros do Misfron, por problemas com drogas, álcool, tabaco e outros, como roubos.

Silvestre André, 19 anos, já esteve no centro Arnaldo Jansen, mais conhecido por Padre Horácio, no Palanca, município do Kilamba-Kiaki, onde ficou cerca de 10 anos, depois de fugir de casa. "Em 2009, fui expulso por mau comportamento. Não deixava de fumar e consumir álcool. Pulava o muro do centro e influenciava os outros acolhidos", contou.

O jovem vivia sozinho num quarto abandonado, na Vila de Viana. Passava fome e, para se sustentar, fazia pequenos trabalhos, como acarretar água. Foi num desses trabalhos que ouviu falar do centro. "Hoje, sinto-me muito bem aqui. Ajudo nas tarefas da casa e quero voltar a estudar", disse.

Orlando Luís, 13 anos, é o mais novo na casa da Misfron da Caop, onde funciona o centro de reabilitação de marginalizados e necessitados. Por causa do álcool, do cigarro e do roubo, no bairro Calemba II, onde vivia, a mãe levou-o ao centro. Está há pouco tem-

po no local e, por isso, não sai para divulgação, nem recebe visitas, porque está num processo de recuperação. Mas o menino garante que se sente à vontade. Ajuda nas tarefas e manifestou o desejo de ir à escola, pois não sabe ler nem escrever. Antes, fugia da escola, para ir atrás dos vícios.

CENTROS EM CASAS ARRENDADAS

A Misfron é uma organização não governamental, missionária, que trabalha com pessoas carentes, com problemas de álcool, drogas e prostituição, crianças desamparadas, órfãs e apoia comunidades carentes.

Existem três centros do género, que funcionam em casas arrendadas. São a Casa Ester, no Zango III, que acolhe mulheres que, pela primeira vez, queiram reabilitar-se. Lá permanecem de três a seis meses. Havendo melhorias no comportamento, são transferidas para Casa Ruth, também no Zango, tida como o lar da segunda fase do processo. No mesmo lugar, está o escritório, uma creche e dormitórios. Actualmente, vivem três das sete mães que o centro albergou. No total, são sete mulheres e 19 crianças a viver nos centros do Zango III. As crianças passam

o dia na Casa Ruth, num infantário, aos cuidados de duas mães. As restantes saem à rua, em busca de alimentos. As crianças participam de programas educativos e recreativos. No lar, as crianças frequentam o pré-escolar. Quando atingem a idade escolar, o centro encaminha-as às escolas. Na falta de brinquedos, as crianças são animadas à moda antiga: jogam à bola, brincam às escondidas, aprendem canções religiosas e oram.

A CASA DOS OITO RAPAZES

Oito rapazes estão acolhidos no centro da Misfron, com problemas de álcool e drogas e estão separados das mulheres. Eles vivem no centro que fica localizado na Caop A, em Viana. Só saem de casa com a autorização do responsável, Rui Gonçalves, um dos coordenadores do projecto.

Diariamente, eles cumprem uma rotina. Das 6 às 7 horas, têm estudo bíblico, ao

que chamam "Café da Manhã". Depois, arrumam a casa e lavam a roupa. Os que já estão há mais tempo no centro, saem para o trabalho de divulgação e recolha de alimentos. Em função do comportamento, às vezes saem para divertir-se, mas acompanhados e dentro das regras estabelecidas. No período da tarde, depois do almoço, voltam a meditar sobre a palavra de Deus. Tudo o resto faz parte do processo de recuperação.

Pedro Kassoca está há dois anos no Centro. Neste período, confessou, não ingeriu sequer uma gota de álcool. Tem 32 anos, é da província da Huíla. Era alcoólatra, fazia roubos. Mas hoje, "beber e fumar são coisas do passado", disse, para acrescentar que vai casar-se este ano, com uma das jovens acolhidas na Misfron. "Eu, com 28 anos, era confundido com alguém de 40. Tinha o corpo anémico e o rosto pálido", lembrou Kassoca.



**SILVESTRE ANDRÉ
JÁ FOI EXPULSO POR
MAU COMPORTAMENTO**

Silvestre André, 19 anos, já esteve no centro Arnaldo Jansen, mais conhecido por Padre Horácio, no Palanca, município do Kilamba-Kiaxi, onde ficou cerca de 10 anos, depois de fugir de casa. "Em 2009, fui expulso por mau comportamento..."



**PROGRAMA
ESTUDAR E BRINCAR**

As crianças passam o dia na Casa Ruth, num infantário, aos cuidados de duas mães. As restantes saem à rua, em busca de alimentos. As crianças participam de programas educativos e recreativos. No lar de acolhimento, elas frequentam o pré-escolar.

**COMO SE SUSTENTA O CENTRO
DE REABILITAÇÃO MISFRON...**

O casal Rui e Isabel Gonçalves são os coordenadores da Misfron. O pastor Zacarias, da igreja Pentecostal Hospital da Fé, é o mentor do projecto. A intenção é ter vários centros dentro da instituição. Para incentivar ainda mais os acolhidos, o centro pretende dar formação em várias áreas, com destaque para os cursos de electricidade.

Por outro lado, o centro procura não desestruturar as famílias. É assim que há pessoas a viver permanentemente nestes espaços. As crianças são filhos das mulheres acolhidas. Existem apenas dois pequenos, têm família e casa, mas que estão no centro, porque o pai tem sérios problemas com o álcool e não consegue sustentá-los.

Os centros da Misfron, devido à falta de condições de alojamento e outras, não recebem mais pessoas. A falta de doadores fixos reflecte-se na carência de tudo um pouco. Os acolhidos vivem da recolha de donativos, do esforço dos coordenadores e do mentor do projecto. O centro da Caop tem apenas dois quartos. As casas Ruth e Ester têm quatro e três quartos, respectivamente. Nos três centros, faltam colchões, lençóis, brinquedos para as crianças, camas, cadeiras e mesas.

"Nós precisamos de tudo. Vivemos de arrendamento e de ajuda. Às vezes, são insuficientes para as nossas necessidades. Estamos sem viatura, o que dificulta a recolha de alimentos", disse a coordenadora Isabel Gonçalves.

Os coordenadores dedicam-se exclusivamente às actividades dos centros. Não têm salário e deixam a sua casa para apoiar os centros. Quando saem à rua, vão aos mercados, lojas, armazéns e até batem portas de residências.

"Pedimos ajuda e divulgamos o trabalho dos centros", detalhou Isabel Gonçalves, que lamentou o facto de muitas pessoas desprezarem o trabalho, ao ponto de lhes faltar com o respeito.

"O trabalho de reabilitação carece de condições para poder acompanhar os jovens e ocupa-los com cursos, actividades e programas. Temos pretensão de construir um centro. Já solicitamos um espaço à Administração de Viana, pois queremos implementar o projecto com mais eficácia e segurança", disse, por seu lado, Rui Gonçalves.

Os coordenadores dos centros esforçam-se para dar o que não têm. Além das pessoas que acolhem, também assistem algumas famílias carentes fora da instituição.

"Acompanhamos uma mãe solteira, com seis filhos. Ela, às vezes, aparece no centro apenas para comer. Neste momento, não temos condições para recebê-la", lamentou Rui Gonçalves.

Para cuidar da saúde dos acolhidos, a Misfron encontra apoio e compreensão dos centros de saúde de Viana, embora não exista qualquer parceria nesta área, tampouco na educação.

ASSIM SE RETRIBUI A DEUS

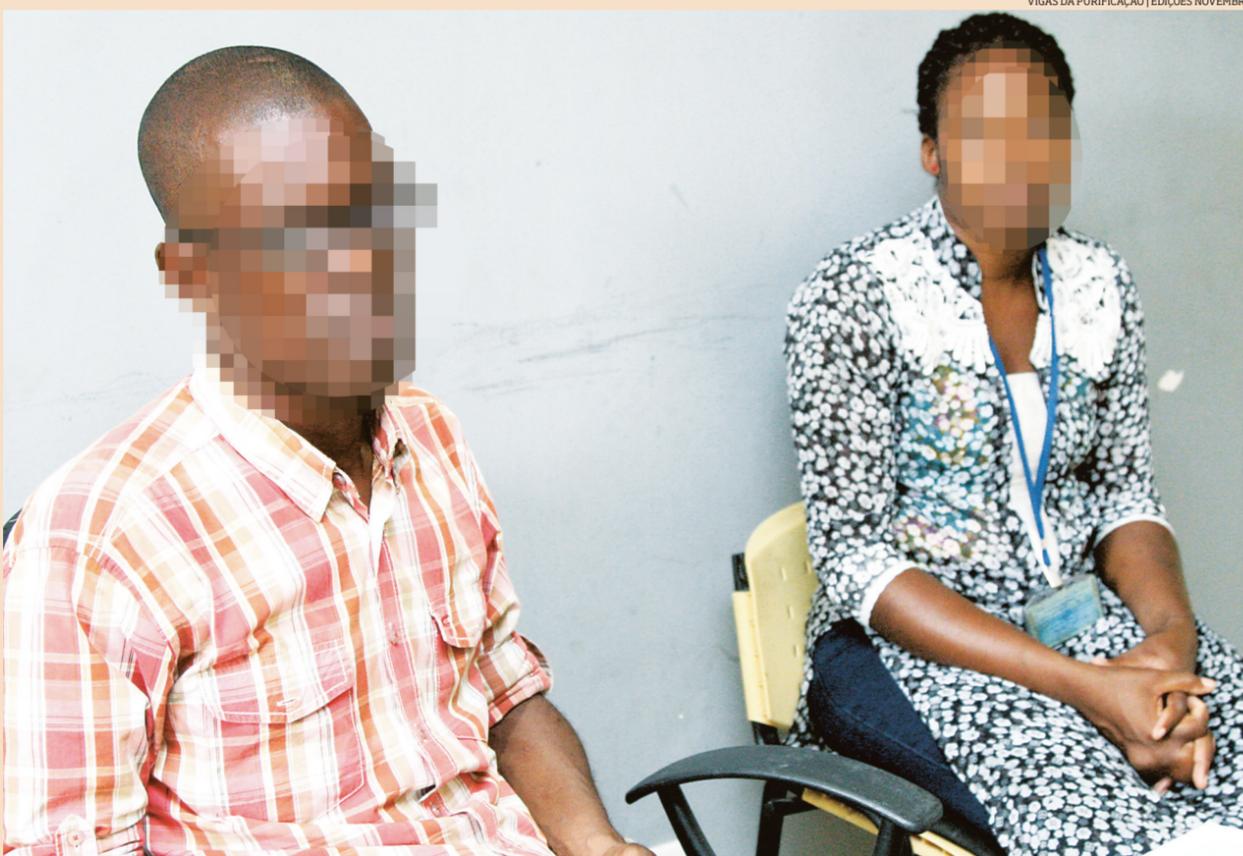
Isabel Gonçalves abraçou a causa, porque foi acolhida quando precisou. Aos 12 anos, ela começou a prostituir-se e usava drogas. Aos 17, entrou para um centro de acolhimento e reabilitação. Esteve na Remar, onde conheceu o pastor Zacarias.

"No centro onde estive fui bem acolhida, tive a oportunidade de mudar de vida", contou Isabel, hoje casada com Rui, de quem tem três filhos.

"Enquanto estive na prostituição, fui desprezada pela minha família. Era tida como uma pessoa sem valor. O centro mudou a minha vida. Hoje, sou um exemplo para a minha família. Encontrei um marido que, independentemente da minha história, ama-me. A única forma de retribuir o que Deus fez por mim é ajudar quem precisa", concluiu Isabel. **NM**



ATENDIMENTO Os mais novos encontram nestes centros o apoio e o carinho de pessoas que os acolheram



SOLIDARIEDADE Rui e Isabel Gonçalves é o casal que responde pelos espaços de acolhimento localizados no Zango

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

*CUIDAR BEM DOS COMBOIOS
É CUIDAR DE UM BEM QUE TAMBÉM É SEU.*



**NÃO DESTRUA O
QUE É DE TODOS!**
Cuide bem dos comboios.

O Caminho de Ferro de Luanda está a ser modernizado com novas estações, locomotivas mais rápidas e carruagens mais confortáveis. Actualmente, milhares de passageiros já utilizam o comboio para deslocar-se ao trabalho, visitar familiares ou divertir-se com os amigos. Infelizmente, actos de vandalismo estão a destruir este bem público, provocando avarias e sujeiras nas carruagens e também nas estações e via férrea. O comboio é o meio de transporte mais seguro, confortável e acessível a todas as camadas da população. Por isso, não destrua o que é de todos. Cuide bem dos comboios.





62^a

SÃO SILVESTRE DE LUANDA

Uma prova de todos nós.



LUANDA

31
DEZ 2017

**PARTICIPE NA GRANDE FESTA DO ATLETISMO
MAIS DE 2000 ATLETAS EM 2016**

FICHA E LOCAL DE ESCRIÇÃO

SEDE DA FAA	VIANA
CIDADELA	(CASA DA JUVENTUDE)
ILHA	CACUICO
CAZENGA (ADM	KILAMBA
MARCO HITÓRICO)	

**FEIRA DA SÃO SILVESTRE A TER LUGAR
NA BAIJA DE LUANDA A 28, 29 E 30 DE DEZEMBRO DE 2017**

DIAMOND	PLATINUM	GOLD	APOIOS	ORGANIZAÇÃO



TESTE

Desafio

1 - **Santos Dumont**, Foi um aeronauta, desportista e inventor brasileiro. Dumont, projectou e construiu os primeiros balões dirigíveis. Como aeronauta qual a sua obra mais notável?

- 1- Balão de ar
- 2- Avioneta
- 3- 14 Bis
- 4- Helicóptero

2 - Mohandas Karamchand Gandhi, conhecido como "**Mahatma Gandhi**" foi um revolucionário, idealizador e maior defensor do Satyagraha, princípio da não violência. De que nacionalidade foi "Gandhi"?

- 1- Alemão
- 2- Indiano
- 3- Boliviano
- 4- Inglês

3 - **Kilimanjaro**, significa montanha brana na língua maçai. O monte Kilimanjaro é o ponto mais alto da África com uma altura de 5.895 cm. Em que país africano encontra-se o monte?

- 1- Egipto
- 2- Malawi
- 3- RDC
- 4- Tânzania

4 - **Odin** na mitologia é considerado o deus principal do clã dos deuses Asses. De que mitologia...

- A- Védica
- B- Hebraica
- C- Nórdica
- D- Grega

RESPOSTAS

Desafio:
 1 - 3 - 14 Bis.
 2 - 2 - Indiano
 3 - 4 - Tânzania
 4 - C - Mitologia Nórdica

Palavras Cruzadas

Horizontais
 1- CAXITO. 6- ASMA. 10- UNIL. 11- USURFUI. 13- CASA. 15- TER. 16- IR. 17- AL. 18- PAR. 20- OITO. 22- SITUAR. 25- SOS. 27- TAL. 28- EIS. 30- AVE. 32- AMADOR. 35- ROMA. 37- ELE. 38- AS. 40- DL. 41- RNA. 43- MAIO. 45- ATTUDE. 48- MAL. 49- LAVE. 50- ATRASO.

Verticais
 1- CUC. 2- ANAIS. 3- XIS. 4- TU. 5- OSTR. 6- AFRO. 7- SR. 8- MUITO. 9- AIROSO. 12- UE. 14- APTA. 19- AULA. 21- ISSO. 23- ITEM. 24- REAL. 26- PARDAL. 29- IDEM. 31- VOLTA. 33- MEADA. 34- RAIAS. 36- ARTE. 39- SOLO. 42- NU. 44- AMA. 46- IV. 47- ET.

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



A comemoração do natal

Natal é uma comemoração cristã a 25 de Dezembro. Originalmente destinada a celebrar o nascimento anual do Deus Sol no Solstício de Inverno do Hemisfério Norte (natalis invicti Solis), a festividade foi ressignificada pela Igreja Católica no Império Romano e então passou a comemorar o nascimento de Jesus Cristo no século III, para estimular a conversão dos povos pagãos. Embora tradicionalmente seja um dia cristão santificado, o Natal é amplamente comemorado por muitos não-cristãos e alguns dos seus costumes populares e temas comemorativos têm origens pré-cristãs ou seculares. Costumes populares

modernos típicos do feriado incluem a troca de presentes e cartões, a Ceia de Natal, músicas natalícias, festas nas igrejas, uma refeição especial e a exibição de decorações; incluindo as árvores de Natal e presépios. Além disso, o Pai Natal é uma figura mitológica popular em muitos países, associada com os presentes para crianças. Como a troca de presentes e muitos outros aspectos da festa de Natal envolvem um aumento da actividade económica entre cristãos e não-cristãos, a festa tornou-se um acontecimento significativo e um período-chave de vendas. O impacto económico da comemoração é

um factor que tem crescido de forma constante ao longo dos últimos séculos em muitas regiões do mundo. Os primeiros indícios da comemoração de uma festa cristã litúrgica do nascimento de Jesus em 25 de Dezembro é a partir do Cronógrafo de 354. Essa comemoração começou em Roma, enquanto no cristianismo oriental o nascimento de Jesus já era celebrado em conexão com a Epifania, a 6 de Janeiro. No ano 350, o Papa Júlio I levou a efeito uma investigação pormenorizada e proclamou o dia 25 de Dezembro como data oficial e o Imperador Justiniano, em 529, declarou-o feriado nacional.

Palavras Cruzadas

1	2	3		4	5		6	7	8	9
				11		12				
13			14		15				16	
17			18	19		20	21			
	22	23			24		25			
26		27			28	29				
30	31			32	33			34		
35			36		37			38	39	
40			41	42		43	44			
45			46			47		48		
49						50				

Horizontais

1 - Capital da província do Bengo. 6- Doença respiratória. 10- Juntei. 11- Goza de. 13- Edifício para habitação. 15- Possuir. 16- Caminhar para lá. 17- Suspiro. 18- Diz-se do número inteiro que é divisível por dois. 20- Sete mais um. 22- Assinalar o lugar de. 25- Sigla de Save Our Souls. 27- Um certo. 28- Aqui está. 30- Animal vertebrado com asas e o corpo coberto de penas, tem um bico e põe ovos. 32- Cultor curioso de qualquer arte. 35- Capital da Itália. 37- A pessoa ou coisa masculina de que se fala. 38- Elas. 40- Decilitro (abreviatura). 41- Rádio Nacional de Angola. 43- Quinto mês do ano. 45- Modo de proceder. 48- Erradamente. 49- Limpe, banhando em líquido. 50- Demora.

Verticais

1- Cabeça (Brasil). 2- Narração de sucessos, organizada ano a ano. 3- Incógnita, coisa desconhecida. 4- A tua pessoa. 5- Molusco bivalve que pode produzir pérolas. 6- Africano. 7- Senhor (abreviatura). 8- Em grande quantidade. 9- Esbelto. 12- União Europeia (sigla). 14- Idónea. 19- Lição. 21- Essa coisa. 23- Parcela. 24- Que não é imaginário. 26- Pássaro corinrosto. 29- Igualmente. 31- Movimento circular. 33- Porção de fio dobrado. 34- Óculos. 36- Ofício. 39- Terreno arável. 42- Que não está vestido. 44- Gosta muito. 46- O número quatro em numeração romana. 47- Extraterrestre.

Cinema

ZAP Cinemas

Semana: 22 a 28 de Dez
 • Título: **Jumanji Bem Vindo à Selva**
 • Género: aventura.
 • Sessões: 13h00/15h40/18h20 /21h10/00h20
 (Sexta-feira, sábados e feriados)



• Título: **Ferdinando**
 • Género: animação
 • Sessões: 10h00 (A) /12h50/ 15h30 / 18h10
 (Sábado, Domingo e Feriado)



• Título: **Um ritmo perfeito 3**
 • Género: acção
 • Sessões: 12h40/ 15h00/ 17h10/ 19h20/ 21h30 / 23h40



CINEMAX /Kilamba

Semana: Filmes
 • Título: **24 Horas Para Viver***
 • Género: Acção. (sala Vip)
 • Sessões: 13h50/16h20/18h40 /20h50/23h00

• Título: **Liga da Justiça 3D***
 • Género: acção, aventura (sala 1)
 • Sessões: 13h00/15h40/ 18h20/21h00/23h40

• Título: **O rapto 93m** (sala 2)
 • Género: acção, suspense.
 • Sessões: /13h20/15h30 /18h00/20h10/22h20

• Título: **Uma estrela de natal**
 • Género: Comédia (sala 3)
 • Sessões: /13h00/15h00/17h00

• Título: **A Montanha entre Nós***
 • Género: Acção. (sala 3)
 • Sessões: 19h00/21h30/17h30

• Título: **Coco 3D** (Aventura de Olaf)
 • Género: animação. (sala 4)
 • Sessões: 13h10/15h50/18h30 (excepto dia 12 de Dezembro)

• Título: **Sete Irmãs** (sala 4)
 • Género: acção, Sci Fi
 • Sessões: 21h10/ 23h50

• Título: **Paddington 2 VP**
 • Género: Animação. (sala 5)
 • Sessões: 13h30/16h00/18h50

• Título: **Thor: Ragnarok 3D**
 • Género: acção. (sala 5)
 • Sessões: 21h00

**EXPOSIÇÃO
ELA ACOLHE “A LENDA
DA TRANSFORMAÇÃO”**

O ELA - Espaço Luanda Arte, acolhe até ao dia 31 de Dezembro a exposição individual do artista angolano Jone Ferreira. O cenário comporta um conjunto de 14 quadros, 10 instalações e 7 fotografias, trabalhos feitos com matérias reciclados e não só.

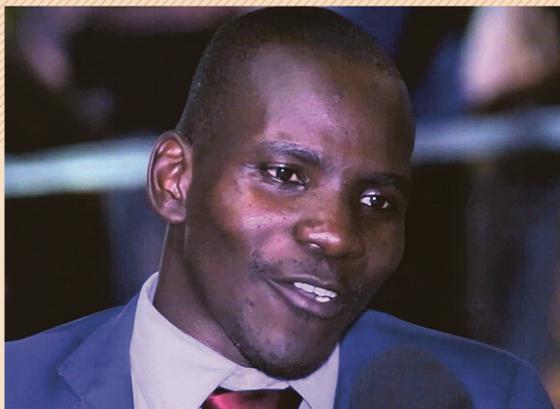


**BOAS FESTAS
YOLA SEMEDO CANTA
NO LOOKAL OCEAN CLUB**

A cantora e compositora Yola Semedo é a grande atracção da noite de passagem de ano 2017/2018, no Lookal Ocean Club. O evento terá início com um jantar, marcado para as 20 horas. A cantora vai ser acompanhada pela sua banda e pelos Djs Malvado, Kapiro e Duda. A noite será também preenchida com fogo de artifício.



EVENTOS



MOVIMENTO Músicos do estilo gospel ganham espaço

**MÚSICOS GOSPEL
LOUVAM A DEUS**

“Aos Pés da Cruz” é o título do concerto de música gospel, a ser realizado no dia 30 de Dezembro, no pátio da Academia BAI, a partir das 18 horas. O espectáculo ao preço de 1.500 kwanzas, vai reunir no mesmo palco os músicos Lioth Cassoma, Elizabete Mambo, Miguel Buila, Miranda, Inês Cassoma, Israel Ilário entre outro. O evento organizado pela Sanjuka Produções e Gospel Life Produções, visa celebrar a paz do ano, antecipadamente, louvando a Deus pelos seus feitos em 2017.



LITERATURA Autora apresenta mais uma obra

**“UM NATAL DE MIL CORES”
DE NGONGUITA DIOGO**

A escritora Ngonguita Diogo apresentou, recentemente, em Luanda, a sua mais recente obra literária “Um Natal de Mil Cores”. Com 28 páginas, o livro, inclui três contos relativos ao Dia da Família, “Um Natal de Mil Cores”, “Um Arco-Irís no Natal” e “Um Presépio Especial e a Minha Bíblia”. Depois de Luanda, a obra é apresentada na província de Malange. Ngonguita Diogo, pseudónimo literário de Etelvina da Conceição Alfredo Diogo, nasceu em Cazengo, Ndalatando, província do Cuanza-Norte.



CRÓNICAS DE UM AMOR POR LUANDA
**Livro póstumo
de Fernando
Martins**

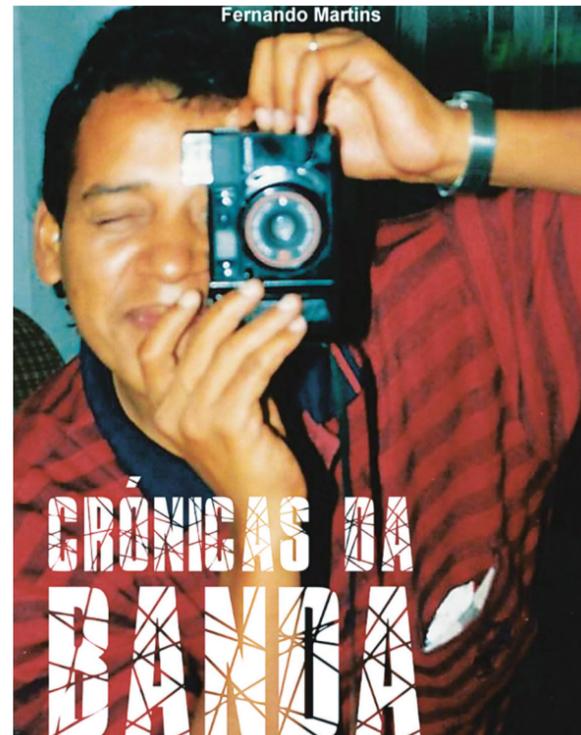
Oportuno diário de um crónico amor por Luanda, “Crónicas da Banda” é o livro póstumo do jornalista Fernando Martins, que reúne o melhor das crónicas de mais de vinte anos de produção deste híbrido género jornalístico. Foi Lançado no dia sete último, no Espaço Verde Chá de Caxinde - Sukara, sob chancela da editora Chá de Caxinde.

Por vontade da família, a apresentação do livro ficou a cargo do poeta e amigo José Luís Mendonça, enquanto que, aos filhos - Betinho, Betinha e Anica - foi reservado o deleite da sessão de autógrafos, não faltando, já no fim, a palavra da sua companheira, de nome Augusta, que teve o hercúleo exercício de resumir, em pouco mais de trinta linhas, uma vida conjugal de mais de trinta anos, que nasceu na alçada da “mãe” dos títulos desta casa, como conta num dos pontos:

“Quis o destino que, sendo nós os dois de Novembro, nos conhecêssemos nas Edições Novembro, proprietária da então Revista Novembro. Quando te conheci, na Revista Novembro, eras um rapaz franzino, brincalhão, fazendo com que, muitas vezes, assuntos sérios fossem transformados em paródia”.

Publicadas nos semanários “Correio da Semana” e “Agora” (ambos já extintos das bancas), são, no total, 120 textos que têm Luanda como musa inspiradora, pano de fundo e, sem dúvida, a personagem transversal que supera a diversidade temática de todas as crónicas deste “caluanda”. Entre familiares, amigos e colegas de labuta, o espaço teve casa cheia, com uma presença repleta de destacadas figuras oriundas de famílias tradicionais da urbe luandense.

O editor, Jaques dos Santos, justifica, com alguma consternação, a publicação tardia de um dos grandes cronistas da imprensa angolana, aludindo: “Insisti, vezes sem conta, na ideia da publicação das suas crónicas, enquanto FM era vivo. Com a sua natural humildade, quase que envergonhado, foi negando, desculpando-se, adiando, invocando múltiplas razões, vários pretextos. Infelizmente, acabam por ser editadas e vir a público depois da sua lamentável partida, tão precoce quanto prematuro era nele



o prazer de usufruir a glória e o sucesso, coisas a que foi sempre avesso, por carácter e educação...”.

Em nome de “uma marcante amizade”, travada para lá das redacções de jornais, o jornalista Paulo Pinha ajudou na organização da obra e é da sua pena que sai o prefácio, no qual acentua o estilo de FM: “O semanário deu-lhe espaço à criatividade, onde deixou a sua imagem de marca, através de um estilo único, que ninguém conseguiu imitar. Ao aliar o humor com a seriedade, descrevia casos reais da sociedade luandense com recurso à imaginação”.

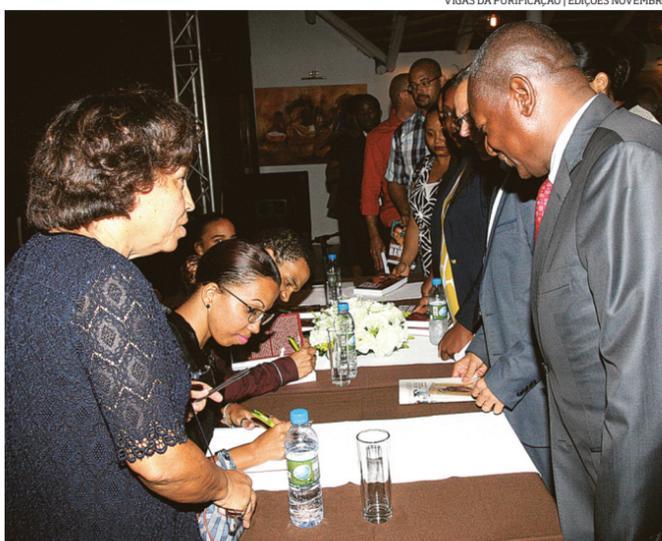
Peptela também dedicou-lhe a sua prosa, destacando que, nos seus escritos, ganharam vida muitas figuras populares, com as quais cruzávamos todos os dias, se frequentássemos alguns dos bairros emblemáticos da cidade, aqueles perdidos entre o asfalto e o musseque, sem ser uma coisa nem outra, para se tornarem apenas em Luanda de todas as camadas sociais, bairros de trânsito, geográfica e socialmente.

NANDO, DO CRUZEIRO

Fernando de Sousa Martins “Nando” nasceu e faleceu em Luanda (21 de Novembro de 1961 - 20 de Abril de 2017). Filho de José e Antónia Martins, nasceu e cresceu no bairro Cruzeiro, sendo o quarto de nove irmãos. Entre eles conta-se o jornalista desportivo Zeca Martins. Era casado com Maria Martins, com quem teve os filhos Carlos Roberto, Elizabeth Regina e Ana Francisca.

Como escriba da imprensa, exerceu a sua actividade jornalística na “Revista Novembro”, no “Correio da Semana”, no “Semanário Agora” e na “Executive Center”.

MM



LANÇAMENTO Esposa e filhos durante a sessão de autógrafos

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464



O NOSSO LEITINHO TEM TODOS OS SEGREDOS PARA NÓS CRESCERMOS SAUDÁVEIS



REPÚBLICA DE ANGOLA
DIRECÇÃO PROVINCIAL DE SAÚDE DE LUANDA
PROGRAMA PROVINCIAL DE SAÚDE DE LUANDA



(JML-041C)

ASDI



CRIMES RAPTO ESTÁ LEGISLADO

“O rapto em si não corresponde a uma nova tipologia de crimes. A Lei 3/14 que é a mais recente traz já algumas especificações, onde o crime de rapto está previsto. A questão é que, quando falamos de rapto ou sequestro, nós estamos a falar daquele caso em que os criminosos exigem resgate”.



COMBATE AO CRIME NÃO SÓ COM A POLÍCIA

“Não é só com a acção da polícia que nós vamos combater o crime. É necessário que haja o envolvimento de outras sensibilidades e a adopção de políticas públicas que estabeleçam medidas preventivas, que, de alguma forma, possam contribuir para se pôr fim a produção de criminosos”.

PLANTÃO

CONTEIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Autoridade Mateus Rodrigues, porta-voz do Comando Provincial da Polícia de Luanda

“Não estamos muito mal em termos de criminalidade”

O porta-voz do Comando Provincial de Luanda, Mateus de Lemos Rodrigues, aborda aspectos ligados à segurança na capital.

António Pimenta

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A falta de iluminação pública, na opinião do porta-voz do Comando Provincial de Luanda, Mateus de Lemos Rodrigues, prejudica o trabalho nocturno dos agentes da ordem pública. Apesar disso, a autoridade considera Luanda uma cidade segura e com índice de criminalidade baixo comparativamente às capitais mais violentas do mundo.

A natureza dos crimes que se registaram, recentemente, em Luanda, levaram a que muitos cidadãos passem a considerá-la cidade de risco. Qual é a leitura que a Polícia faz sobre o assunto?

Se me perguntares se podemos considerar a cidade de Luanda uma cidade

segura, eu diria que sim... podemos. Contudo, precisamos ter em conta alguns elementos que considero importantes. Luanda tem um território com 18 mil quilómetros quadrados e uma população estimada em cerca de sete milhões de habitantes. Ocupa apenas 1,5 por cento de todo território nacional e quase 30 por cento da população nacional. É no Município de Luanda que se encontra a maior densidade populacional do país. Tem mais população que as províncias do Bié, Huambo e Benguela juntas. Tudo isso representam factores a considerar, quando falamos de criminalidade ou segurança dos cidadãos. Além destes, existem outros factores externos, que, em nossa opinião, contribuem para o aumento da criminalidade na nossa capital. Os problemas de urbanização que temos e a falta de iluminação representam alguns destes factores que contribuem para o actual estado

TENTATIVAS DE CORRUPÇÃO SÃO LEVADAS AO TRIBUNAL

A corrupção nas hostes da Polícia pode emergir como um dos temas que mais melindra a imagem da corporação?

Diariamente, os nossos agentes levam ao tribunal cidadãos que tentam suborná-los. Hoje mesmo, cerca de oito cidadãos foram parar ao tribunal por esta razão. O inverso não acontece na mesma proporção. Parecendo que não, mas isso pode carecer de estudos. É muito estranho que as pessoas reclamem sobre a cor-

rupção na Polícia e, entretanto, haja poucos polícias denunciados por terem cometido este tipo de crime.

O que tem a dizer em relação ao excesso de prisão preventivas?

Não obstante o registo de grandes melhorias, continuamos a verificar casos de excesso de população penal. São situações que, na maior parte dos casos, transcendem às meras decisões da Polícia ou dos órgãos do Ministério do interior.

AP

das coisas em Luanda, onde a criminalidade suscita alguma preocupação, não tanto pelos crimes em si, mas por se estar a assistir a um aumento na forma violenta como esses crimes são cometidos. A sociedade luandense está a ser forçada a conviver com crimes muito violentos e, como disse muito bem, alguns deles fora daquilo que consideramos o padrão da convivência social dos angolanos.

Em termos estatísticos, é possível fazer uma abordagem sobre os índices da criminalidade em Luanda?

Os índices da criminalidade em Luanda situam-se entre os 6, 9 homicídios por cada cem mil habitantes. Taxas que ficam muito a quem dos números registados nas cidades tidas como as mais violentas do mundo, com o registo de 107 homicídios, em cada cem mil habitantes.



**PROVÍNCIA
CRIMINALIDADE ENTRE
OS 6,9 HOMICÍDIOS**

“Os índices da criminalidade em Luanda situam-se entre os 6,9 homicídios por cada cem mil habitantes. Taxas que ficam muito a quem dos registados nas cidades tidas como as mais violentas do mundo, com o registo de 107 homicídios, em cada cem mil habitantes.”



**TAREFA
PREVENIR O CRIME**

Prevenir e combater o crime é uma das principais tarefas da polícia. “Mas, mesmo assim, não podemos garantir que quem comete um crime não volta a cometer crimes, depois de penalizado. Até porque a sociedade continua a produzir criminosos”, afirma.

Com a apresentação destes índices, podemos afirmar que Luanda não vai muito mal em termos de criminalidade?

Não. Não estamos muito mal em termos de criminalidade. Mas temos contra isso o sentimento de insegurança que paira no seio da população, o que indicia para uma cidade muito mais violenta do que ela representa na realidade.

Quais as medidas preventivas que a polícia tem vindo a adoptar, para prevenir a onda crescente da criminalidade em Luanda?

Prevenir e combater o crime apresentam-se como uma das principais tarefas da polícia. Mas, mesmo assim, não podemos garantir que quem comete um crime não volta a cometer crimes, depois de penalizado. Até porque a sociedade continua a produzir criminosos. Não é só com a acção da polícia que nós vamos combater o crime. É necessário que haja o envolvimento de outras sensibilidades e a adopção de políticas públicas que estabeleçam medidas preventivas, que, de alguma forma, possam contribuir para se pôr fim aos criminosos. O problema da criminalidade representa um assunto multidisciplinar e multi-sectorial. Nós, Polícia ou Ministério do Interior, entramos na senda da punição dos criminosos. Portanto, quando se pune é porque o criminoso já existe. Não é a polícia que produz os criminosos. É a sociedade que os produz. Cabe à sociedade a definição de estratégias para limitar ou reduzir a produção de criminosos. A Polícia garante que eles sejam punidos, mas não pode garantir que não vai haver novos criminosos.

Acredita na criminalidade como um mal social?

A criminalidade é, sem dúvidas, um mal social, cuja solução transcende o simples envolvimento da polícia. A simples actuação da polícia reside na punição dos criminosos.

Pode-se considerar Luanda uma cidade segura?

Pode-se sim e os comprovativos estão aí. Estamos com uma média diária de menos de um homicídio por dia.

Que tipologia de crimes Luanda mais regista?

Os furtos representam a tipologia de crimes mais praticada em Luanda, com maior incidência para o roubo de dinheiro e bens que podem ser facilmente comercializados. O problema que se põe é que grande parte destes crimes é praticada com o uso de armas de fogo e que os presumíveis meliantes as utilizam, em caso de resistência das vítimas, resultando em homicídios seguido de roubo. Por estas razões, continuamos a ter, entre as nossas prioridades, a campanha de recuperação de armas de fogo, que consiste no desarmamento pacífico da população civil, desenvolvida a nível do Comando Geral. E outra que

consiste na recolha compulsiva e captura de elementos em posse de armas de fogo. Em função do trabalho que desenvolvemos, apresentamos, diariamente, ao tribunal vários indivíduos que são apanhados em posse de armas de fogo.

Mas esta é uma campanha que, apesar de existir há já algum tempo, não impede a alta de crimes praticados com armas de fogo?

Sim! O processo está em curso há já algum tempo e com resultados muito positivos. Mas não podemos avançar mais dados, por se tratar de um assunto sob a alçada do Comando Geral da Polícia.

“As pessoas devem estar informadas sobre os procedimentos a adoptar, para reduzir as oportunidades aos marginais e ganhar consciência de que a Polícia não pode trabalhar com base em presunções; adivinhar se ouve crime, vandalização dos postes de energia eléctrica ou das condutas de água”

Recentemente, dois crimes tenebrosos marcaram os luandenses, que hoje evitam, ao máximo, a circulação na Via-Expressa, por a considerarem de alto risco?

Se olharmos um pouco para as pessoas que diariamente fazem este trajecto, vamos dar conta que as pessoas continuam a utilizá-lo como o faziam anteriormente. Agora, temos que reconhecer que os incidentes violentos que se registaram recentemente nesta via terão, com certeza, influenciado a opinião que se tem em relação a mesma e o consequente sentimento de (in) segurança. Relativamente a medidas preventivas, nós aumentamos a presença da Polícia na área, com a instalação de postos em quase toda a sua extensão. Aumentamos também as medidas preventivas para a localização e detenção de suspeitos que operam naquela área.

Os raptos parecem indicar uma tendência para uma nova tipologia de crime...

O rapto em si não corresponde a uma nova tipologia de crimes. A Lei 3/14 que é a mais recente, traz já algumas especificações, onde o crime de rapto está previsto. A questão é que, quando falamos de rapto ou sequestro, nós estamos a falar daquele caso em que os criminosos exigem resgate. Em 2017, foram registados seis crimes de rapto, em Luanda, envolvendo estrangeiros, nomeadamente, da África Oriental, chineses, portugueses e franceses.

Cidadãos criticam o serviço prestado pela Polícia, no que concerne à clonagem dos cartões multi-caixas. Alguns chegam a acusar a Polícia de conivência na utilização indevida dos cartões, após furto ou clonagem. É possível um pronunciamento a respeito?

Esta representa uma questão relacionada com o atendimento público que a Polícia e os órgãos do Ministério do Interior presta ao cidadão, que, reconhecemos, ainda não é dos melhores. Mesmo assim, nós atendemos a todas as denúncias que nos chegam; damos-lhes o devido tratamento e divulgamos os resultados.

Luanda tem Polícia comunitária?

Temos implementado algumas acções concretas de polícia de proximidade. Existe, no município de Belas, mais concretamente na cidade do Kilamba, uma unidade especializada de policiamento de proximidade e, cada vez mais, têm sido desenvolvidas, a nível de todos os municípios da cidade de Luanda, acções de proximidade ou de policiamento de proximidade.

A vandalização dos postos e cabines de energia e das condutas de água, hoje, é prática diária em várias zonas da cidade de Luanda. O que diz a Polícia?

Estas representam o tipo de situações específicas, cuja solução não passam apenas pela intervenção do Estado. Enquanto promotor da segurança pública, o Estado tem a responsabilidade de proteger o cidadão. Mas, mesmo assim, pensamos que o cidadão comum não

deixa de ter as suas responsabilidades no que a segurança pública diz respeito, denunciando em tempo útil e oportuno as anomalias que, eventualmente, venham a registar-se.

Mas comenta-se que muitos destes crimes são cometidos nas barbas da Polícia.

Não acredito que esses crimes sejam cometidos em presença ou à volta dos agentes da ordem, que, em alguns casos, patrulham com regularidade as áreas em que esses crimes são cometidos. Mas o mesmo não podemos dizer dos moradores que residem nestas zonas. Na maior parte dos casos, eles assistem impune à execução destes actos ilícitos, sem mover uma palha para evitar que o pior aconteça. O que salta aqui à vista é a ausência de mecanismos de alerta policial. Ou seja, o cidadão precisa de ser melhor informado sobre a responsabilidade que tem na protecção da sua área de residência e o que tem que fazer para garantir a sua própria segurança e a segurança da zona em que reside. Nós temos estado a trabalhar afinadamente nisso, mas é importante fazer mais. É um tra-

balho que exige a participação de todos, aos mais diversos níveis da sociedade.

Portanto, o cidadão deve ajudar mais?

Como cidadãos que somos, temos todos obrigações com a nossa própria segurança e com a segurança da comunidade, nas zonas em que residimos. É importante que se faça passar esta mensagem com clareza. As pessoas devem estar informadas sobre os procedimentos a adoptar, para reduzir as oportunidades aos marginais e ganhar consciência de que a Polícia não pode trabalhar com base em presunções; adivinhar se ouve crime, vandalização dos postes de energia eléctrica ou das condutas de água.

É muito notória a dualidade de critérios na apresentação pública de eventuais criminosos, violando o princípio da presunção da inocência?

A questão tem a ver com a forma como os órgãos de informação editam as matérias. Por princípio, a Lei garante protecção igual para todos os cidadãos. Enquanto não for julgado, ninguém deve ser exposto publicamente.

DOMINGOS CADÉNCIA | EDIÇÕES NOVEMBRO



SITUAÇÃO A província de Luanda tem uma média diária de menos de um homicídio



Eu era charmoso e de poucas palavras. Mas gostava de andar atrás das meninas. Antes de me envolver, analisava a condição da menina. Se soubesse que ela era comprometida, já não avançava.

JOÃO XAVIER SIMÕES,
O CENTENÁRIO

QUADRA FESTIVA POLÍCIA GARANTE SEGURANÇA

Vinte e dois mil agentes da Polícia Nacional, afectos ao Comando de Luanda, estão a garantir a segurança nesta quadra festiva. A grantia é do director do Gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa da Polícia, Mateus Rodrigues.



SOLIDARIEDADE

"Natal da Criança" anima Zango 4

Mais de mil crianças dos nove municípios da província de Luanda confraternizaram, no dia 20, numa festa denominada "Natal da Criança". O acto, que teve o apoio do Governo Provincial de Luanda, decorreu no município do Zango.

A actividade recreativa teve como madrinha a esposa do Governador provincial, Sofia Mendes de Carvalho, e contou com a presença de crianças de vários estratos sociais, com destaque para aquelas de famílias desfavorecidas do distrito do Zango 4. Seleccionadas em todos os municípios e distritos de Luanda, as crianças, acompanhadas pelos seus coordenadores, chegaram ao local pela manhã, trajando camisolas com o nome dos seus municípios.

O governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, surpreendeu as crianças com a sua presença, mas brincou e até cantou, para a alegria dos pequenos, que o aplaudiram. "Desejo às

crianças, não apenas às presentes, mas todas da nossa província, um feliz Natal e um Ano Novo próspero. Que todos os dias sejam de festa", disse o governador.

Durante a festa "Natal da Criança", os petizes tiveram sumos, algodão doce, picolé, pipoca e brincaram em baloiços e escorregas. O Governador de Luanda e sua esposa, enquanto madrinha dos menores, ofereceram brinquedos.

"O evento foi uma oportunidade para conviver com as crianças carenciadas, que pouco ou quase nada têm para comer", disse Sofia Mendes de Carvalho.

RECOLHA DE BENS

A esposa do Governo Provincial de Luanda revelou ainda que lidera uma campanha que visa recolher alimentos para ajudar crianças. "Temos um programa que visa a recolha de donativos à porta de supermercados, em que pessoas de boa fé darão das suas compras algum produto não perecível", disse.

Resenha da Semana

MELIANTES ATACAM

AGENTE DA POLÍCIA MORTO NO BAIRRO CATINTON

Um agente da Polícia Nacional foi morto por elementos não identificados, na passada terça-feira, 19, no bairro Catinton, distrito da Maianga.

O malgrado, de nome Maurício Caripa, 55 anos, segundo sub-chefe da Polícia Nacional, foi atingido por um disparo de arma de fogo, do tipo AKM-47. Os presumíveis actores do crime ainda não foram encontrados.

Em declarações à Angop, o director do gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa da delegação provincial do Ministério do Interior (MININT), intendente Mateus Lemos Rodrigues, informou que o caso ocorreu por volta das 17 horas do referido dia.

"Tudo ocorreu quando um grupo de quatro agentes, do comando distrital, em patrulha motorizada, interveio numa tentativa de roubo de valores monetários no interior de uma viatura e foi surpreendido por disparos de arma de fogo. Um deles foi atingido gravemente. O trabalho investigativo continua, no sentido de se identificar e deter os actores dos crimes. Recentemente, em circunstância idênticas, outro agente foi morto por marginais, no bairro Tanque Serra, no município do Talatona.

ADVERTÊNCIA I

BAILES SÓ COM AUTORIZAÇÃO DO GOVERNO PROVINCIAL

O GPL recomenda que os recintos que albergarem espectáculos, bailes de Reveillon ou outras actividades culturais e recreativas deverão ter condições técnicas, de segurança e licenciamento para o efeito.

A Repartição Distrital do Comércio do Rangel, município de Luanda, vai intensificar o trabalho de fiscalização aos estabelecimentos comerciais, para prevenir eventuais casos de especulação de preços.

"É preciso o reforço da fiscalização nestes locais, para evitar a especulação de preços, principalmente, nesta época da Quadra Festiva, durante a qual muito se aproveitam para aumentar os valores dos produtos da cesta básica," disse o administrador, Francisco Manuel Domingos.

Outro aspecto que deve merecer uma atenção especial dos técnicos do Comércio é a validade dos produtos que estão a ser comercializados nos diferentes estabelecimentos do Rangel, pois a procura pode levar alguns comerciantes a vender mercadoria com data vencida.

ADVERTÊNCIA II

APARELHOS FORA DE PASSEIOS

O Governo Provincial de Luanda (GPL) proibiu a colocação de aparelhos de som e respectivas colunas nos passeios, ruas, largos e praças, durante a Quadra Festiva.

A proibição vem expressa numa nota de imprensa divulgada pela instituição, que adverte que o incumprimento do disposto, "implicará cancelamento da actividade e a aplicação de sanções".

Segundo o mesmo informe, para salvaguarda da ordem e tranquilidade públicas, a realização de espectáculos, bailes e outras actividades de índole cultural e recreativa públicas, com carácter comercial, carecem de autorização. A solicitação deve ser dirigida às administrações municipais.

Por fim...

LUÍSA
ROGÉRIO



FELIZ NATAL, MAIS UMA VEZ

A luta pela sobrevivência ajuda a compor o "pão nosso de cada dia". O game está de tal modo violento, que o termo oração escapou do reduto exclusivo dos religiosos, para fazer parte do quotidiano agudizado pela crise que teima em fazer parte das nossas vidas. Ficamos tão empenhados em saltar obstáculos, que mal nos apercebemos da passagem do tempo. O calendário gregoriano ainda é o mesmo. Os dias não se encurtaram. A nossa jornada é que se tornou mais intensa. Não nos apercebemos que, logo logo, estaríamos novamente na época mais festiva do ano. É Natal!

Luanda está engalanada. Os bairros transformam-se. Nas ruas, becos e casas, os sinais da quadra natalícia são claros. O espírito de Natal induz à contemporização. Entenece até ateus e agnósticos. É como se não existisse degradação do meio ambiente, sujeira e falta de saneamento. Acreditamos no melhor lado da espécie humana. A comemoração anual do nascimento de Jesus Cristo, a 25 de Dezembro, terá iniciado há mais de mil e seiscentos anos. A celebração da festa religiosa foi instituída pela Igreja Católica no ano 350, por intermédio do Papa Júlio I, apesar de a Bíblia não precisar o dia do nascimento de Cristo. Poucos anos terão sido tão pouco gratificantes quanto o prestes a findar. Ao contrário dos anos que lá vão, não se verificaram tantos engarrafamentos colossais. Do outrora famoso cabaz, restaram boas lembranças. A maior parte das empresas o suprimiu do leque de ofertas aos trabalhadores. Enquanto as pequenas e grandes corporações tentam buscar saídas para se equilibrarem em tempos de crise, os trabalhadores reinventam-se. Activam a imaginação para driblar dificuldades que se multiplicam ao virar de cada esquina. Contam todos os esforços para manter a família unida e, assim, perpetuar a tradição. É facto que não existe um poço onde basta simplesmente atirar moedinhas para que os desejos se concretizem. A despeito de todos os acontecimentos menos bons que o ano que se avizinha pode simbolizar a manifestação de expectativas genuínas, esperamos que Luanda diminua o nível de concentração de betão e privilegie a cidadania. É urgente! No fim de 2017, renovamos os votos habituais: Festas Felizes, mais uma vez.



CONFRATERNIZAÇÃO Sónia Mendes de Carvalho oferece brinquedos às crianças

"ANJO DA GUARDA"

Consultas gratuitas a crianças

A Clínica "Anjo da Guarda" realiza, desde o passado Sábado, até ao próximo dia 31, consultas gratuitas de medicina geral, pediatria e estomatologia, a crianças e adolescentes.

As consultas enquadram-se no projecto solidário "Campanha Natal com saúde no Anjo da Guarda". A unidade hospitalar também ajuda sinistrados na Via-Expresso, desde o antigo controlo até ao desvio do Zango. O atendimento às crianças acontece todos os dias, no Benfica, e é feito por especialistas de nacionalidade cubana. Cenén Hernandez, PCA da Clínica "Anjo da Guarda", disse que as consultas vão ajudar a descongestionar algumas unidades hospitalares e ajudar as famílias carenciadas.



MÉDICO Cenén Hernandez